



CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

PRAÇA DA REPÚBLICA, 53 – CENTRO/SP - CEP: 01045-903
FONE: 2075-4500

PROCESSO	743557/2018 (Proc. CEE 534/2003)		
INTERESSADAS	Faculdades de Dracena		
ASSUNTO	Adequação Curricular à Del. CEE nº 111/2012, alterada pela Del. CEE nº 154/2017- Curso de Licenciatura em Letras, com as Habilitações em Língua Portuguesa e Língua Inglesa		
RELATORA	Consª Bernardete Angelina Gatti e Consª Guiomar Namó de Mello		
PARECER CEE	Nº 446/2018	CES	Aprovado em 28/11/2018

CONSELHO PLENO

1. RELATÓRIO

1.1 HISTÓRICO

A Diretora Acadêmica das Faculdades de Dracena encaminha a este Conselho, Ofício protocolado em 10/07/2017, com os documentos para adequação curricular à Del. CEE nº 111/2012, alterada pela Del. CEE nº 154/2017, referentes ao Curso de Licenciatura em Letras, com as Habilitação em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Língua Espanhola– fls. 1105.

Foram feitas reuniões e contatos por *e-mail* com a Instituição para orientações quanto às adequações necessárias na planilha. Em resposta, a Instituição, reapresentou a documentação – de fls. 1.207 a 1.315.

A Instituição por meio do Ofício nº 34/18, protocolado em 10/10/18 informa que pretende ofertar o Curso de Letras com as Habilitações apenas em Língua Portuguesa e Língua Inglesa e não mais com a Habilitação em Língua Espanhola - fls. 1.345.

1.2 APRECIÇÃO

Nos termos da norma vigente e nos dados encaminhados pela Instituição permite analisar os autos como segue.

O Curso de Licenciatura em Letras, com as Habilitações em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Espanhola obteve sua última Renovação do Reconhecido pelo Parecer CEE nº 427/2013 e Portaria CEE/GP nº 487/2013, publicada em 13/12/2013, por três anos.

Disciplinas de Formação Didático-Pedagógica

Disciplinas	Ano / semestre letivo	Carga Horária	Carga horária EAD	Carga horária PCC
Psicologia do Desenvolvimento do Ciclo Vital	1º sem.	70	--	10
Filosofia da Educação	1º sem.	50	40	10
Psicologia da Aprendizagem	2º sem.	75	60	15
Sociologia da Educação	2º sem.	40	--	--
História da Educação e das Relações Etnicorraciais	2º sem.	55	40	15
Educação Especial e Inclusiva	3º sem.	60	--	
Prática de Ensino de Literatura Portuguesa – Noções de Modernidade	3º sem.	55	--	15
Introdução à Metodologia de Ensino em Linguagens	3º sem.	40	40	--
Didática Geral	3º sem.	75	--	15
Avaliação de Ensino e Recuperação de Aprendizagem	4º sem.	75	--	15

Prática de Ensino de Língua Inglesa	4º sem.	55	--	15
Avaliação: Instrumentos e Indicadores	5º sem.	55	40	15
Políticas Públicas e Legislação Educacional	5º sem.	55	--	15
Prática de Ensino de Língua Portuguesa	5º sem.	75	--	15
Diretrizes : Fundamentos e Práticas	6º sem.	80	60	20
Metodologia do Ensino e Aprendizagem em Língua Portuguesa	6º sem.	100	--	20
Prática de Formação de Professor de Língua Portuguesa	6º sem.	60	--	--
Gestão, Planejamento e Projeto Político Pedagógico	7º sem.	80	--	20
Subtotal da carga horária de PCC e EaD			280	
Subtotal da carga horária de PCC – desenvolvida por meio de Projeto Interdisciplinar				215
Carga horária total (60 minutos)		1155h	280h	215h

Disciplinas de Formação Específica

Disciplinas	Ano / semestre letivo	Carga Horária	Carga horária EAD	Carga Horária Total inclui:			
				Revisão			Carga Horária PCC
				CH C.E	CH LP	CH TICS	
Fonética e Fonologia	1º sem.	60	--	--	--	--	--
Comunicação e Expressão	1º sem.	70	--	--	60	--	10
Revisão de Literatura em Língua Portuguesa	1º sem.	60	--	--	--	--	--
Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação na Aprendizagem de Línguas	1º sem.	70	--	--	--	60	10
Tipologia e Gêneros Textuais	2º sem.	55	--	20	20	--	15
Introdução à Língua Inglesa	2º sem.	60	--	--	--	--	--
Teoria da Literatura	2º sem.	55	--	--	--	--	15
Análise Morfológica	2º sem.	40	--	20	20	--	--
Estudo do Texto Argumentativo	3º sem.	75	60	--	--	--	15
Gramática da Língua Inglesa	3º sem.	75	--	--	--	--	15
Introdução à Linguagem Brasileira de Sinais	4º sem.	40	--	--	--	--	--
Linguística Aplicada ao Ensino de Língua Materna	4º sem.	75	60	--	--	--	15
Literatura Infantil e Juvenil Brasileira	4º sem.	55	40	--	--	--	15
Interpretação e Produção Textual	5º sem.	75	60	--	--	--	15
Covertação em Língua Inglesa	5º sem.	40	--	--	--	--	--
Sintaxe: Estudo da Linguagem	6º sem.	60	40	--	--	--	20
Compreensão e Produção Oral: Língua Inglesa	7º sem.	80	60	--	--	--	20
Análise e Revisão Textual	7º sem.	80	--	--	--	--	20
Metodologia do Trabalho Científico	7º sem.	40	--	--	--	--	--
Inglês Instrumental	8º sem.	60	--	--	--	--	--
Literatura Aplicada ao Ensino Médio	8º sem.	60	--	--	--	--	--
Fundamentos da Gramática para o Ensino Médio	8º sem.	40	40	--	--	--	--
Texto, Discurso e Ensino	8º sem.	60	--	--	--	--	--
Trabalho de Conclusão de Curso	8º sem.	60	--	--	--	--	--
Subtotal da carga horária de PCC – desenvolvida por meio de Projeto Interdisciplinar			360	40	100	60	185
Carga horária total (60 minutos)		1.445h		200h			185h

Carga Horária total do Curso

Resumo	3.200 Horas	Inclui a carga horária de
Disciplinas de Formação Didático-pedagógica	1155h	215h – PCC 280h – EaD
Disciplinas de Formação Específica da Licenciatura ou Áreas Correspondentes	1445h	185h – PCC 200h Revisão, LP e TICs 360h – EaD
Estágio Curricular Supervisionado	400h	-----
ATPA – Atividades Teórico-práticas de Aprofundamento	200h	Projetos Interdisciplinares e transdisciplinares distribuídos nos 8 períodos

A estrutura curricular do Curso de Licenciatura em Letras, com as Habilitações em Língua Portuguesa e Língua Inglesa apresentada atende à:

- Resolução CNE/CES nº 3/07, que dispõe sobre o conceito hora-aula;
- Deliberação CEE nº 111/2012, alterada pela Deliberação CEE nº 154/2017.

2. CONCLUSÃO

2.1 Aprova-se a adequação curricular à Del. CEE nº 111/2012, alterada pela Deliberação CEE nº 154/2017, do Curso de Licenciatura em Letras, com as Habilitações em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, das Faculdades de Dracena.

2.2 A Instituição deverá encaminhar três vias da estrutura curricular, ora aprovada, para devida rubrica.

2.3 A presente adequação tornar-se-á efetiva por ato próprio deste Conselho, após homologação deste Parecer pela Secretaria de Estado da Educação.

São Paulo, 20 de novembro de 2018.

a) Cons^a Bernardete Angelina Gatti
Relatora

b) Cons^a Guiomar Namó de Mello
Relatora

DECISÃO DA CÂMARA

A CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR adota, como seu Parecer, o Voto das Reladoras.

O Conselheiro Edson Hissatomi Kai, declarou-se impedido de votar.
Presentes os Conselheiros Décio Lencioni Machado, Edson Hissatomi Kai, Iraíde Marques de Freitas Barreiro, João Otávio Bastos Junqueira, Marcos Sidnei Bassi, e Roque Théophilo Júnior.

Sala da Câmara de Educação Superior, 21 de novembro de 2018.

a) Cons. Roque Théophilo Júnior
Presidente

DELIBERAÇÃO PLENÁRIA

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO aprova, por unanimidade, a decisão da Câmara de Educação Superior, nos termos do Voto das Relatorias.

O Conselheiro Edson Hissatomi Kai, declarou-se impedido de votar.

Sala “Carlos Pasquale”, em 28 de novembro de 2018.

Cons. Hubert Alquéres
Presidente

PARECER CEE Nº 446/18 – Publicado no DOE em 29/11/18

- Seção I - Página 58

Res SEE de 30/11/18, public. em 01/12/18

- Seção I - Página 43

Portaria CEE GP nº 441/18, public. em 04/12/18

- Seção I - Página 31

PLANILHA PARA ANÁLISE DE PROCESSOS

**AUTORIZAÇÃO, RECONHECIMENTO E RENOVAÇÃO DE RECONHECIMENTO DE CURSOS DE LICENCIATURA
(DELIBERAÇÃO CEE Nº 111/2012-NR)
DIRETRIZES CURRICULARES COMPLEMENTARES PARA A FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA**

PROCESSO Nº: 743557/2018 (Processo CEE nº 534/2003)		
INSTITUIÇÃO DE ENSINO: FACULDADES DE DRACENA		
CURSO: LICENCIATURA EM LETRAS/INGLÊS	TURNO/ CARGA HORÁRIA TOTAL: 3200 horas	Diurno: horas- relógio
ASSUNTO: ADEQUAÇÃO À DELIBERAÇÃO CEE 154/2017		Noturno: 3.200

1 - FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO II - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 154/2017		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		DISCIPLINAS (onde o conteúdo é trabalhado)	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica onde o conteúdo é contemplado
Art. 8º A carga total dos cursos de formação de que trata este capítulo terá no mínimo 3.200 (três mil e duzentas) horas, assim distribuídas:			
I – 200 (duzentas) horas dedicadas à revisão de conteúdos curriculares, Língua Portuguesa e Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs).	Art. 9º As 200 (duzentas) horas do Inciso I do Artigo 8º incluirão:	I – revisão dos conteúdos do ensino fundamental e médio da disciplina ou área que serão objeto de ensino do futuro docente;	Revisão de Literatura em Língua Portuguesa AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. Teoria da Literatura . Coimbra: Imedina, 1998. AUERBACH, Erich. Introdução aos estudos literários . 1 ed., São Paulo Cultrix, 1972. BOURNEUF, Roland & OUELLET, Real., O universo do romance . Coimbra: Almedina, 1976. BRAIT, Beth. A personagem . São Paulo: Ática, 1985. CÂNDIDO, Antônio et alii. A personagem de ficção . 4.ed., São Paulo, Perspectiva, 1974. CARA, Salette de Almeida. A poesia lírica . São Paulo: Ática, 1985. CASTAGNINI, Raul H. Análise literária: introdução metodológica a uma estilística integral . São Paulo: Mestre JOU, 1970
			Comunicação e Expressão BARBOSA, Maria Aparecida. Léxico, Produção e Criatividade: Processos de Neologismo . São Paulo: Global, 1981. BERLO, David K. O Processo de Comunicação . Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972. BLOOMFIELD, L. Language . New York: Heny Hott and Company, 1933. BORDENARE, Juan E. Diaz. Além dos meios e mensagens . Rio de Janeiro: Vozes, 1983. CALDAS, Waldemir. Cultura de Massas . São Paulo: Global, 1991. CÂMARA JR., Mattoso. Manual de expressão oral e escrita . São Paulo: J. Ozon Editor, 1996. CHALUB, Samira. Funções da Linguagem . São Paulo.2001 CHERRY, Colin. A comunicação humana . São Paulo: Cultrix, 1968.

				<p>GUARESCHI, Pedrinho A. Comunicação e controle social. HYELMSLEV, L. Prolegômenos e uma Teoria da Linguagem. São Paulo: Perspectiva, 1975.</p> <p>PENTEADO, I.R.W. A Técnica da Comunicação Humana. São Paulo: Pioneira, 1977.</p>
		<p>II - estudos da Língua Portuguesa falada e escrita, da leitura, produção e utilização de diferentes gêneros de textos bem como a prática de registro e comunicação, dominando a norma culta a ser praticada na escola;</p>	<p>Tipologia e Gêneros Textuais</p>	<p>BRONCKART, J.-P. (1999). Atividades de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo. São Paulo: Editora da PUC/SP.</p> <p>KÖCHE, Vanilda Salton. Gêneros Textuais do argumentar e expor. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.</p> <p>TRAVAGLIA, L. C. (1991). Um estudo textual-discursivo do verbo no português. Campinas, Tese de Doutorado / IEL / UNICAMP, 1991. 330 + 124 pp.</p> <p>____ (2002). Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos. Mimeo.</p>
		<p>III - utilização das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) como recurso pedagógico e para o desenvolvimento pessoal e profissional.</p>	<p>Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação na Aprendizagem de Línguas</p>	<p>GARCEZ, L. H. C. A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto. Brasília: Editora universidade de Brasília, 1998.</p> <p>FIORIN, J. L. Introdução ao pensamento de Bakhtin. Sao Paulo: Ática, 2006.</p> <p>SALES, J. T. L. (2004). Alunos, professor e computador, o que une esse trio? Revista Virtual de Estudos da Linguagem –ReVEL. Ano 2, n. 2.</p> <p>WARSCHAUER M. (1996) "Computer Assisted Language Learning: an Introduction". (ed.) Multimedia language teaching, Tokyo: Logos International.</p>

CAPÍTULO II - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 154/2017		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		DISCIPLINAS (onde o conteúdo é trabalhado)	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica onde o conteúdo é contemplado
<p>Art.10 - A formação didático-pedagógica compreende um corpo de conhecimentos e conteúdos educacionais – pedagógicos, didáticos e de fundamentos da educação – com o objetivo de garantir aos futuros professores dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, as competências especificamente voltadas para a prática da docência e da gestão do ensino:</p>	<p>I - conhecimentos de História da Educação, Sociologia da Educação e Filosofia da Educação que fundamentam as ideias e as práticas pedagógicas;</p>	<p>Filosofia da Educação</p>	<p>ARRUDA, A. M. L. PIRES M. M. H. Filosofando, Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 2007.</p> <p>CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2005.</p> <p>DURMEVAL, T. M. (coord.). Filosofia da educação brasileira. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998.</p> <p>LUCKESI, C.C. Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1993.</p> <p>GAARDER, J. O Mundo de Sofia. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.</p> <p>SOUZA, S. M. R. Um Outro Olhar: Filosofia. São Paulo: FTD, 1995.</p> <p>SEVERINO, A. J. Filosofia da educação construindo a cidadania. São Paulo: FTD, 1994.</p>

		<p>História da Educação e das Relações Etnicorraciais</p>	<p>BITTAR, M. História da Educação da Antiguidade à Época Contemporânea. São Carlos: Edufscar, 2009.</p> <p>FALCON, F.J.C. História cultural e história da educação. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.</p> <p>GADOTTI, M. História das Ideias Pedagógicas. 2. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1994.</p> <p>MARCÍLIO, M. L. História da escola em São Paulo e no Brasil. São Paulo, Editora: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014.</p> <p>PILETTI, N. e PILETTI, C. História da Educação. São Paulo: Ática, 2002.</p> <p>ROMANELLI, O. O. História da Educação no Brasil (1930/1973). 35.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.</p> <p>SAVIANI, D. LOMBARDI, J.C., SANFELICE, J.L. (orgs.) História e História da Educação. Campinas: Autores Associados, 2006.</p>
		<p>Sociologia da Educação</p>	<p>DURKHEIM, E. Educação e Sociologia. São Paulo: Melhoramentos, 1988.</p> <p>FREITAG, B. Escola, Estado e Sociedade. 6ª edição. São Paulo: Editora Moraes, 1986</p> <p>PILETTI, N. Sociologia da educação. São Paulo: Ática, 1997.</p> <p>QUINTANEIRO, T. et al. Um toque de clássicos. Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.</p> <p>RODRIGUES, AT. Sociologia da Educação. São Paulo: DP&A, 2003.</p> <p>SAVIANI, DI. Escola e Democracia. 20ª edição. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988</p> <p>WEBER, M. Ensaio de sociologia. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.</p>
<p>II - conhecimentos de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem para compreensão das características do desenvolvimento cognitivo, social, afetivo e físico da população dessa faixa etária;</p>		<p>Psicologia do Desenvolvimento e do Ciclo Vital</p>	<p>BEE, H. L. O ciclo vital. Porto Alegre: ARTMED, 1997.</p> <p>BOCK, A. M. B. Psicologias: uma introdução ao ensino da psicologia. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.</p> <p>OLIVEIRA, M. K. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico. São Paulo, Scipione, 1997.</p> <p>PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. 7.ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.</p> <p>VYGOTSKY, L. S. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 10 ed. São Paulo: Ícone, 2006.</p>
		<p>Psicologia da Aprendizagem</p>	<p>COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. Desenvolvimento psicológico e educação. 2.ed. Porto Alegre: ARTMED, 2004. 3 v.</p> <p>COLL, C. et al. O construtivismo na sala de aula. São Paulo: Ática, 1997.</p>

			<p>OLIVEIRA, M. K. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico. São Paulo: Scipione, 1997.</p> <p>REGO, T. C. Vygotsky. Petrópolis: Vozes, 2004.</p> <p>PAPALIA, D. E.; OLDS, S.W.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. 7. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.</p> <p>LA TALIE, Y. de; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. 17. ed. São Paulo: Summus, 1992.</p> <p>LEFRANÇOIS, Guy R. Teorias da Aprendizagem. São Paulo: Cengage, 2008.</p>
	<p>III - conhecimento do sistema educacional brasileiro, sua evolução histórica e suas políticas, para fundamentar a análise da educação escolar no país e possibilitar ao futuro professor entender o contexto no qual vai exercer sua prática docente;</p>	<p>Políticas Públicas e Legislação Educacional</p>	<p>ABREU, M. Organização da Educação Nacional na Constituição e na LDB. Ijuí: RGS, 1998.</p> <p>ALVES, Nilda; VILLARDI, Raquel (orgs). Múltiplas leituras da nova LDB. Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1997.</p> <p>BIANCHETTI, R. G. Modelo neoliberal e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1996.</p> <p>CECCON, C. (org.) Construindo o Futuro: Ação e Articulação pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Porto Alegre: ARTMED, 2000.</p> <p>HADDAD, F. O. Plano de desenvolvimento da educação: razões, princípios e programas. Brasília: MEC/INEP, 2008.</p> <p>LIBÂNEO, J.C.; OLIVEIRA, J.F. E TOSCHI, M.S. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.</p> <p>MENESES, J.G. (org.) Estrutura e Funcionamento da Educação Básica: leitura. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1998.</p> <p>Resolução CNE/CP nº. 1, de 18 de Fevereiro de 2002 – Disponível em: www.portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf.</p> <p>SAVIANI, D. A nova Lei da Educação – LDB – trajetórias, limites e perspectivas. São Paulo: Autores Associados, 1999.</p> <p>_____. O Plano de Desenvolvimento da Educação: análise do projeto de MEC. <i>Educação & Sociedade</i>. v. XXVIII, nº100, out./2007. p. 1231-1255.</p> <p>_____. Sistema Nacional de Educação: desafio para uma educação igualitária e federativa. <i>Educação & Sociedade</i>. v.XXIX, nº 105, set./dez. 2008. p.1187-1209.</p> <p>SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro, 2009.</p>
	<p>IV – conhecimento e análise das diretrizes curriculares nacionais, da Base Nacional Comum Curricular da Educação Básica, e dos currículos, estaduais e municipais, para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio;</p>	<p>Diretrizes Curriculares: Fundamentos e Práticas</p>	<p>CNE. Resolução nº 2, de 02 de abril de 1998: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.</p> <p>FERNANDES, C. de Oliveira; FREITAS, L. C. de. Indagações sobre currículo: currículo e avaliação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 1998.</p> <p>HERNADEZ, F.; VENTURA, M. A organização do currículo por projeto de trabalho. Porto Alegre: ARTMED, 2007.</p> <p>MELLO, Guiomar N. de. Diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio: parecer. Brasília: MEC/CNE, 1998.</p> <p>MOREIRA, A. F. B. Currículos e programas no Brasil. Campinas: Papirus, 2004.</p> <p>PEDRA, J. A. Currículo, Conhecimento e suas Representações. 3. ed. Campinas: Papirus, 1999.</p> <p>SAVIANI, N. Saber Escolar, Currículo e Didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.</p> <p>SILVA, T. T. & MOREIRA, F. (Org.) Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1994.</p> <p>SANTOS, L.L.C.P. O currículo como campo de luta. <i>Presença Pedagógica</i>, 2 (7), p. 32-39, jan./fev. 1996.</p> <p>SÃO PAULO (Estado). Proposta curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa, ensino fundamental - ciclo II e ensino médio,</p>

			<p>2009. SEE – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino: Língua Portuguesa, 2008. Disponível em: < http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portais/18/arquivos/Prop_MAT_COMP_red_md_20_03.pdf></p>
	<p>V – domínio dos fundamentos da Didática que possibilitem: a) a compreensão da natureza interdisciplinar do conhecimento e de sua contextualização na realidade da escola e dos alunos; b) a constituição de uma visão ampla do processo formativo e socioemocional que permita entender a relevância e desenvolver em seus alunos os conteúdos, competências e habilidades para sua vida; c) a constituição de habilidades para o manejo dos ritmos, espaços e tempos de aprendizagem, tendo em vista dinamizar o trabalho de sala de aula e motivar os alunos; d) a constituição de conhecimentos e habilidades para elaborar e aplicar procedimentos de avaliação que subsidiem e garantam processos progressivos de aprendizagem e de recuperação contínua dos alunos e; e) as competências para o exercício do trabalho coletivo e projetos para atividades de aprendizagem colaborativa.</p>	<p>Didática Geral</p>	<p>A. P.; BIANCHETTI, L. (orgs). Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. pp.25-49 ANTUNES, C. As inteligências múltiplas e seus estímulos. Campinas: Papirus, 2008. CANDAUI, V. M. (org.) A didática em questão. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. HAIDT, R. C. Cazaux. Curso de Didática Geral. São Paulo: Ática, 2003. LEIS, H. R. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. Cadernos pesquisa interdisciplinar em ciências humanas. Florianópolis, 07 jul. 2007. pp. 3 – 22 LIBANEO, J. C. Didática: Velhos e novos temas. Goiânia: Ed. do autor, 2002. MASETTO, M. Didática: a aula como centro. São Paulo: FTD, 1997. MELLO, Guiomar, Namo. Formação inicial de professores para educação básica: uma (re)visão radical. São Paulo Perspec. vol.14 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2000 PERRENOUD, P. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: ARTMED, 2000. SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 40 jan./abr. 2009. VALE, Vera do. Do tecer ao remendar: os fios da competência socio-emocional. Exedra • nº 2 • 2009. Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Coimbra. Disponível em: < http://www.exedrajournal.com/docs/N2/09A-vera-vale_pp_129-146.pdf> ZABALA, A.; ARNAU, L. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: ARTMED, 2010.</p>
		<p>Avaliação de Ensino e Recuperação de Aprendizagem</p>	<p>ARCAS, P. Avaliação da aprendizagem no regime de progressão continuada: o que dizem os alunos. São Paulo: 2003. BEYER, Hugo Otto. Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2005, 128p. CUNHA, M. I. (org.). Formatos avaliativos e concepção da docência. São Paulo: Autores Associados, 2005. FREIRE, Madalena (coord.) Avaliação e Planejamento, a prática educativa em questão, 2009 HOFFMAN, J. M. L. Avaliação para promover: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001. LUCKESI, C. C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2010. PERRENOUD, P. Avaliação - da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas. Porto Alegre: ARTMED, 2000. _____. Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. RABELO, E. H. Avaliação. Novos Tempos, Novas Práticas. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998. VASCONCELLOS, C. dos S. Avaliação da Aprendizagem: Práticas de Mudança - por uma práxis transformadora. São Paulo: Libertad, 2008</p>

	<p>VI – conhecimento de Metodologias, Práticas de Ensino ou Didáticas Específicas próprias dos conteúdos a serem ensinados, considerando o desenvolvimento dos alunos, e que possibilitem o domínio pedagógico do conteúdo e a gestão e planejamento do processo de ensino aprendizagem;</p>	<p>Introdução à Metodologia de Ensino em Linguagens</p>	<p>AGUIAR, Maria Aparecida Lapa de; PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. Formação docente e sua constituição multifacetada. Educação, Sociedade & Culturas, Porto, Portugal, n.29, p.125-139, 2009.</p> <p>AUERBACH, Erich. Introdução aos estudos literários. 1 ed., São Paulo Cultrix, 1972.</p> <p>AZEVEDO, Fernando. Literatura infantil: recepção leitora e competência literária. In: _____.</p> <p>Língua materna e Literatura Infantil. Elementos nucleares para professores do Ensino Básico. Lisboa: Lidel, 2006.</p> <p>BOURNEUF, Roland & OUELLET, Real., O universo do romance. Coimbra: Almedina, 1976.</p> <p>BRAIT, Beth. <i>A personagem</i>. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>CÂNDIDO, Antônio et alii. A personagem de ficção. 4.ed., São Paulo, Perspectiva, 1974.</p> <p>CARA, Salete de Almeida. A poesia lírica. São Paulo: Ática, 1985.</p> <p>CASTAGNINI, Raul H. <i>Análise literária: introdução metodológica a uma estilística integral</i>. São Paulo: Mestre JOU, 1970.</p> <p>FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. <i>Psicogênese da língua escrita</i>. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986[1985]</p> <p>FIORIN, J. L. <i>Introdução ao pensamento de Bakhtin</i>. São Paulo: Ática, 2006.</p> <p>GERALDI, João Wanderley. <i>Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação</i>. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.</p> <p>Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa / Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008.</p> <p>São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. <i>Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. – 2. ed. – São Paulo: SE, 2011. 260 p.</i></p>
		<p>Metodologia de Ensino e Aprendizagem em Língua Portuguesa</p>	<p>FIORIN, J. L. <i>Introdução ao pensamento de Bakhtin</i>. São Paulo: Ática, 2006.</p> <p>LIBÂNEO, José Carlos; Freitas Raquel A. M. da M. Vygotsky, Leontiev, Davydov três aportes teóricos para a teoria histórico-cultural e suas contribuições para a didática. Disponível em: <http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo03/Jose20Carlos%20Libaneo%e%Raquel%A.%M.%da%M.%Freitas%-%Texto.pdf>.</p> <p>MARTINS, Ivanda. <i>A literatura no Ensino Médio: quais os desafios do professor?</i> In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Org.). <i>Português no Ensino Médio e formação do professor</i>. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.</p> <p><i>Metodologia do ensino de língua portuguesa e literatura / Nilcéa Lemos Pelandré ...[et al.]. - Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2011.194 p. : il.</i></p> <p>Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa / Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008.</p> <p>São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. <i>Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. – 2. ed. – São Paulo: SE, 2011. 260 p.</i></p>

	<p>Prática de Ensino de Literatura Portuguesa e Noções de Modernidade</p>	<p>BERARDINELLI, C. Estudos de Literatura Portuguesa. Lisboa: IN/CM, 1985.</p> <p>CUNHA, A. G. Índice Analítico de Os Lusíadas. Rio: INL/MEC, 1966, 3 vols.</p> <p>DAVID, Sérgio Nazar. O século de Silvestre da Silva–Estudos queirosianos. Rio de Janeiro: Letras, 2007.</p> <p>LIBÂNIO, José Carlos. Didática. São Paulo, Cortez, 1994.</p> <p>LOURENÇO, Eduardo. Mitologia da Saudade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.</p> <p>MELO e Castro E. M. Literatura Portuguesa de Invenção. S. Paulo: Difel, 1984.</p> <p>MOISÉS, Massaud. A literatura portuguesa. SP: Cultrix. Várias edições. SARAIVA, António José. Iniciação à Literatura Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.</p> <p>PASSOS, Ilma. Repensando a Didática. Campinas: Papirus, 1992</p> <p>PERRENOUD, P. (1993) Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 201p</p> <p>Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa / Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008.</p> <p>SARAIVA, A. J. e LOPES, O. História da Literatura Portuguesa. Porto: Porto ed., s/d.</p> <p>_____. História da Literatura Portuguesa. Porto, Porto ed., 1982. SARAIVA, A. J. Luís de Camões. Lisboa, Europa-América, s/d. SENA, Jorge de. A estrutura d'Os Lusíadas e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI. Lisboa, Portugal, 1969</p> <p>São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. – 2. ed. – São Paulo: SE, 2011. 260 p.</p>
	<p>Prática de Ensino de Língua Inglesa</p>	<p>BRASIL, MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclo do Ensino Fundamental: Língua Estrangeira. Brasília: MEC/SEF, 1998.</p> <p>LIGHTBOWN, P. M. & SPADA, N. How Languages Are Learned. Oxford: Oxford University Press, 2006 [1993].</p> <p>Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa / Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008.</p> <p>RICHARDS, J. C. & RENANDYA, W. A. Methodology in Language Teaching: An Anthology of Current Practice. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.</p> <p>São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. – 2. ed. – São Paulo: SE, 2011. 260 p.</p>

		Prática de Ensino de Língua Portuguesa	<p>BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (Orgs). Português no ensino médio e formação do professor. São Paulo, Parábola: 2006.</p> <p>NEVES, Maria Helena de Moura. Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.</p> <p>Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa / Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008.</p> <p>São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. – 2. ed. – São Paulo: SE, 2011. 260 p.</p> <p>VIEIRA, Sílvia Rodrigues, BRANDÃO. Sílvia Figueiredo. Ensino de gramática: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2009.</p>
		Prática de Ensino de Formação de Professor de Língua Portuguesa	<p>BAKHTIN, M. <i>Estética da criação verbal</i>. 3 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2000.</p> <p>BRASIL. <i>Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa</i> / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília : MEC/SEF, 1998b.</p> <p>BRASIL. <i>Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental</i>. Brasília: MEC/SEF, 1998.</p> <p>BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. <i>Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais</i> / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998a.</p> <p>FREIRE, P. <i>Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa</i>. 15a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.</p> <p>GERALDI, J.W. <i>Portos de passagem</i>. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.</p> <p>KLEIMAN, A. B. (Org.) <i>A formação do professor: perspectivas da linguística aplicada</i>. Campinas: Mercado de Letras, 2001.</p> <p>NEVES, M.H. <i>Que gramática estudar na escola?</i> 2.ed. São Paulo: contexto, 2004.</p> <p>NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. <i>Os professores e a sua formação</i>. 3a. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997. pp. 15-33.</p> <p>NUNES, R.H. <i>et all</i>. Os PCNS: uma experiência de formação de professores no ensino fundamental. IN: ROJO, R. (org.). <i>A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs</i>. São Paulo : EDUC, p. 93-126, 2000.</p> <p>ORLANDI, Eni P. <i>Discurso e leitura</i>. São Paulo: Cortez Editora, 1998.</p> <p>PERRENOUD, P. <i>A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica</i>. Porto Alegre: Artmed, 2002.</p> <p>POSSENTI, S. <i>Por que (não) ensinar gramática na escola</i>9 Campinas: ALB: Mercado de Letras, 1996.</p> <p>TRAVAGLIA, L.C. <i>Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º. e 2º. Gaus</i>. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997.</p>
VII – conhecimento da gestão escolar na educação nos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, com especial ênfase nas questões relativas ao projeto pedagógico da escola, regimento escolar, planos de trabalho anual, colegiados auxiliares da escola e famílias dos alunos;		Gestão, Planejamento e Projeto Político-pedagógico	<p>ABRANCHES, Mônica. Colegiado Escolar: espaço de participação da comunidade. São Paulo: Cortez, 2003.</p> <p>BARREIRA, M. C. R. N.; CARVALHO, M. do C. B. Tendências e perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais. São Paulo: IEE/PUC-SP, p. 101-126; 2001.</p> <p>BRASIL. Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares: conselhos escolares: uma estratégia de gestão democrática</p>

		<p>da educação pública. Brasília: MEC, SEB, 2004.</p> <p>CENPEC. Diagnóstico e plano de ação educativa: uma proposta de trabalho coletivo. Suplemento Melhoria da Educação no Município. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2003.</p> <p>COTRIM, G. Educação para uma Escola Democrática. São Paulo: Saraiva, 1991.</p> <p>DAGNINO, Evelina. Sociedade Civil, Participação e Cidadania: de que estamos falando? In: MATO, Daniel (Coord). Políticas de Ciudadania y Sociedad Civil en Tiempos de Globalización. Caracas: Faces, Universidad Central de Venezuela, 2004.</p> <p>FERREIRA, N.S.C. (org.) Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios. São Paulo: Cortez, 2001.</p> <p>GADOTTI, M. Pressupostos do projeto político-pedagógico. In: O projeto político pedagógico da escola. Brasília, MEC/SEF, 1994, p. 21-38.</p> <p>OLIVEIRA, D. A. (org.). Gestão Democrática da educação – desafios contemporâneos. Petrópolis: Vozes, 2001.</p> <p>PADILHA, P. R. Planejamento dialógico: como construir o Projeto Político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez, 2001.</p> <p>PARO, V. H. Gestão democrática da escola pública. São Paulo: Ática, 2003.</p> <p>_____. Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino. 1. ed. São Paulo: Ática, 2007.</p> <p>PATEMAN, Carol e. Participação e Teoria Democrática. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.</p> <p>TATAGIBA, Luciana. Os Conselhos Gestores e a Democratização das Políticas Públicas no Brasil. In: DAGNINO, E.; OLVERA, J.; PANFICHI, Aldo (Orgs). A Disputa pela construção Democrática na América Latina. São Paulo: Paz e Terra, Campinas/São Paulo: Unicamp, 2006</p> <p>VASCONCELLOS, C. dos S. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. 14. ed. São Paulo: Libertad, 2009.</p> <p>_____. Planejamento: Plano de Ensino-Aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertad, 1995.</p>
	<p>VIII - conhecimentos dos marcos legais, conceitos básicos, propostas e projetos curriculares de inclusão para o atendimento de alunos com deficiência;</p>	<p>Educação Especial e Inclusiva</p> <p>ALVES, F. Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio. RJ: Wak, 2005.</p> <p>ALVES, D. O.; GOTTI, M. O. Atendimento educacional especializado: concepções, princípios e aspectos organizacionais. Ensaio Pedagógicos. Brasília: MEC/SEESP, 2006. p.268-272.</p> <p>BAPTISTA, C. R.; JESUS, D. M. de. (org) LAPLANE, Adriana Lia Frizman de. et. al. Avanços em políticas de inclusão: o contexto da educação especial no Brasil e em outros países. Porto Alegre: Mediação/CDY/FACITEC, 2009.</p> <p>BEYER, H. O. Inclusão e Avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2010.</p> <p>CASTANHO, D. M.; FREITAS, S. N. Inclusão e prática no ensino superior. Revista Educação Especial, 27:85-92. 2005.</p> <p>GOES, M. C. R.; Laplane, A. L. F. Políticas e Práticas de Educação Inclusiva. Campinas: Autores Associados, 2007.</p> <p>MACHADO, <i>et al.</i> Educação Inclusiva: direitos humanos na escola. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.</p> <p>MICHELS, H. M. Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização. In. Revista Brasileira de Educação, Vol. 11, nº. 33. Rio de Janeiro; 2006 p. 406-423.</p> <p>PERRENOUD, P. Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação. Porto Alegre: ARTMED, 2000.</p> <p>SANTOS, M. P. do; PAULINO, M. M. (org). Inclusão em educação: culturas políticas e práticas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.</p>

	IX – conhecimento, interpretação e utilização na prática docente de indicadores e informações contidas nas avaliações do desempenho escolar realizadas pelo Ministério da Educação e pela Secretaria Estadual de Educação.	Avaliação: Instrumentos Indicadores	<p>BITTAR, H. A. de F. et al. O sistema de Avaliação de rendimento Escolar do Estado de São Paulo: implantação e continuidade. Ideias, São Paulo: FDE, n. 30, 1998.</p> <p>BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Prova Brasil 2013 – Avaliação do rendimento escolar: questionário do professor. Acesso em: 6 mai. 2015</p> <p>BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sistema de avaliação da educação básica SAEB 2013: Questionário do aluno. Acesso em: 6 mai. 2015.</p> <p>DIAS SOBRINHO, J.; BALZAN, N. C. (Org). Avaliação institucional: teoria e experiências. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.</p> <p>ENADE: http://portal.inep.gov.br/web/guest/enade</p> <p>ENEM: http://portal.inep.gov.br/web/guest/enem</p> <p>IDEB: http://portal.inep.gov.br/web/guest/ideb</p> <p>IDESP: http://idesp.edunet.sp.gov.br/o_que_e.asp</p> <p>PROVINHA BRASIL: http://portal.inep.gov.br/web/guest/provinha-brasil</p> <p>Resolução SE nº 27, de 29 de março de 1996. Dispõe sobre o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo</p> <p>Resolução SE nº 41, de 31-07-2014. Dispõe sobre a realização das provas de avaliação relativas ao Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – SARESP/2014.</p> <p>Resolução SE - 74, de 6-11-2008. Institui o Programa de Qualidade da Escola – PQE - Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo – IDESP.</p> <p>SAEB: http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb</p>
--	--	-------------------------------------	--

CAPÍTULO I - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 154/2017		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		DISCIPLINA (S) (onde o conteúdo é trabalhado)	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica onde o conteúdo é contemplado
Art. 8º A carga total dos cursos de formação de que trata este capítulo terá no mínimo 3.200 (três mil e duzentas) horas, assim distribuídas:	400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular – PCC – a serem articuladas aos conhecimentos específicos e pedagógicos, e distribuídas ao longo do percurso formativo do futuro professor, em conformidade com o item 2, da Indicação CEE nº 160/2017, referente a esta Deliberação.	<p>PCC: Portfólio como instrumento sistematizador da produção de conhecimento – 40 horas</p> <p>PCC: Projeto Interdisciplinar - Cinema na Escola – 60 horas</p> <p>PCC: Projeto de Aprendizagem Baseada em Problemas – 60 horas</p> <p>PCC: Reflexões do Contexto Escolar – 60 horas</p> <p>PCC: Metodologias na Prática Escolar – 60 horas</p> <p>PCC: Metodologias Inovadoras – 60 horas</p> <p>PCC: Gestão Escolar – 60 horas</p>	<p>ALENCAR, S.E.P. O cinema na sala de aula: uma aprendizagem dialógica da disciplina história. Dissert. mestrado. Fac. de Educação. Univ. Federal do Ceará. Fortaleza/CE. 2007.</p> <p>ARANHA, M.L. História da Educação. 2ed. Revista Atual. São Paulo: Moderna, 1996.</p> <p>ARAÚJO, S. A. Possibilidades pedagógicas do cinema em sala de aula. Revista Espaço Acadêmico, n.º 79, Mensal, Dezembro/2007.</p> <p>ARROYO, Miguel. O significado da infância. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL, 1994, Brasília. Anais. Brasília: EC/SEF/DPE/COEDI. 1994. p. 88-92.</p> <p>BRASIL, Ministério da Educação. Parecer CNE/CES n. 744, de 3 de dezembro de 1997. Brasília, DF, 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/index> acesso em 22 de jun de 2017.</p> <p>BRASIL, Ministério da Educação. Parecer CNE/CP n.9 de 08 de maio de 2001, Brasília, DF, 2001. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/index> acesso em 22 de jun de 2017.</p> <p>BRASIL. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em 23 junho de 2017.</p> <p>BRASIL/MEC. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.</p> <p>CAMBI, F. História da Pedagogia. São Paulo: UNESP, 1999</p> <p>CANAVARRO, A. P., MARTINS, C. e ROCHA, I. (2007). Avaliação na formação de professores. Alguns pontos para discussão. Disponível em: <http://www.esev.ipv.pt/eiem2007/index_ficheiros/GD%20%20Professores.doc> Acesso</p>

			<p>em 26 de jun. de 2017.</p> <p>CARMO, L. Revista Ibero Americana de Educação. No. 32: Maio-Agosto 2003. Disponível em acesso em: 2010</p> <p>DUARTE, R. Cinema & Educação. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.</p> <p>FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa. 4 ed. Campinas: Papirus, 1999.</p> <p>FREIRE, P. Pedagogia da autonomia. Saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996</p> <p>HERNÁNDEZ, F. & VENTURA, M. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: ArtMed, 1998.</p> <p>LEITE, S. A. S. A construção da escola pública democrática: algumas reflexões sobre a política educacional. In: Orientação à queixa escolar. São Paulo: Casa do Psicólogo. 2007</p> <p>LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992.</p> <p>LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 13 Ed. São Paulo: Cortez, 1994.</p> <p>LÜCK, H. et al. A escola participativa: o trabalho do gestor escolar. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1985</p> <p>MIZUKAMI, M. G. N. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.</p> <p>MORAN, J.M. O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD - uma leitura crítica dos meios. Programa TV Escola - Capacitação de Gerentes" , realizado pela COPEAD/SEED/MEC em Belo Horizonte e Fortaleza, no ano de 1999.</p> <p>MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000</p> <p>PEIXOTO, L. Porque uma Base Nacional Comum Curricular? [online] 2015. Disponível em: <http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/por-que-uma-base-nacional-comum-curricular-1.html> Acesso em: 24 de junho de 2017.</p> <p>Pereira, J. E. D. A prática como componente curricular na formação de professores. Rev. Educação, Santa Maria, v. 36, n. 2, p. 203-218, maio/ago. 2011.</p> <p>SÁ-CHAVES, I. Os "portfólios" reflexivos (também) trazem gente dentro. Reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos educativos. Porto: Porto Editora, 2005.</p> <p>SAVIANI, D. Escola e democracia. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991</p> <p>SOUSA, C. P. Evocação da entrada na escola: relatos autobiográficos de professoras e professores. In: BUENO, B. O. et al. (Org.). <i>A vida e o Ofício dos Professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração</i>. São Paulo: Escrituras, 1998, p.31-44.</p> <p>SOUZA NETO, Samuel; SILVA, Samuel Pinto da. Prática como componente curricular: questões e reflexões. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 14, n. 43, p. 889-909, set/dez 2014.</p> <p>VEIGA SIMÃO, A. M., LOPES DA SILVA, A. & SÁ, I (Orgs.) Autorregulação da Aprendizagem: das Concepções às Práticas. Coleção Ciências da Educação. Lisboa: Educa &Ui&dCE. 2005</p> <p>VIANA, M. C. V., Perfeccionamiento del currículo para la formación de profesores de matemática en la UFOP. Tese de Doutorado. ICCP-Cuba. 2002.</p>
--	--	--	--

Síntese dos Projetos Integradores - Propostas para atender às PCCs- 400h

Projeto Integrador I – 1º semestre – (Projeto interdisciplinar: “Portfólio como instrumento sistematizador de conteúdo” – 40 horas). Disciplinas relacionadas: **Psicologia do Desenvolvimento e do Ciclo Vital, Filosofia da Educação, Comunicação e Expressão e Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação na Aprendizagem de Línguas.**

Por meio da interdisciplinaridade, o aluno desenvolverá, juntamente com os demais estudantes, atividades em que esteja presente o uso do portfólio como uma maneira de articular os conhecimentos experienciais com a teoria oriunda das disciplinas e com a realidade escolar em que serão inseridos após a formação inicial como professores de Língua Portuguesa e Inglesa.

Projeto Integrador II – 2º Semestre – (Projeto interdisciplinar: “Cinema na Escola” - 60 horas). Disciplinas relacionadas: **Psicologia da Aprendizagem, História da Educação e das Relações Etnicorraciais, Tipologia e Gêneros Textuais e Teoria da Literatura.**

Serão utilizados filmes ou documentários que retratem o contexto escolar, e que promovam a reflexão sobre os problemas que circundam a escola e as possíveis estratégias para amenizar ou sanar tais dificuldades.

Projeto Integrador III – 3º Semestre – (Projeto Interdisciplinar: “Aprendizagem Baseada em Problemas – 60 horas). Disciplinas relacionadas: **Didática Geral, Prática de Ensino de Literatura Portuguesa e Noções de Modernidade, Gramática da Língua Inglesa e Estudo do Texto Argumentativo.**

Serão trabalhados com situações-problema que retratem a realidade vivenciada no contexto contemporâneo escolar. A Aprendizagem Baseada em Problemas é um método de aprendizagem significativo e eficaz, que será utilizado nesta prática para a reflexão e construção de conhecimentos e soluções para algumas situações vivenciadas pelo professor em sua prática profissional (por exemplo: violência sexual, bullying, etc.).

Projeto Integrador IV – 4º Semestre – (Projeto Interdisciplinar: “Reflexões do Contexto Escolar” – 60 horas). Disciplinas relacionadas: **Avaliação do Ensino e Recuperação de Aprendizagem, Prática de Ensino de Língua Inglesa, Linguística Aplicada ao Ensino da Língua Materna e Literatura Infantil e Juvenil Brasileira.**

Serão produzidas reflexões sobre o contexto escolar, aproveitando as vivências do estágio supervisionado. Utilizar-se-á técnica de produção de narrativas, em que o aluno poderá descrever algumas vivências observadas na escola, tais como: relação professor/aluno; relação gestão/professores, prática de ensino dos conceitos de Ciências e Bioestatística, estratégias para a construção da autonomia, etc.).

Projeto Integrador V – 5º Semestre – (Projeto Interdisciplinar: “Metodologia na Prática Escolar”- 60 horas). Disciplinas relacionadas: **Avaliação: Instrumentos e Indicadores, Políticas Públicas e Legislação Educacional, Prática de Ensino de Língua Portuguesa e Interpretação e Produção Textual.**

O aluno deverá desenvolver, a partir de uma de suas vivências na prática do estágio, um projeto de caráter interdisciplinar (baseado na Pedagogia por Projetos), visando à ressignificação do espaço escolar, transformando-o num espaço vivo de interações, aberto ao real e às suas múltiplas dimensões. Essa prática permitirá o crescimento do estudante no que tange o conhecimento de procedimentos de ensino aprendizagem que contemplem e se adequem à perspectiva interdisciplinar.

Projeto Integrador VI – 6º Semestre – (Projeto Interdisciplinar: “Metodologias Inovadoras” – 60 horas). Disciplinas relacionadas: **Diretrizes Curriculares: Fundamentos e Práticas, Metodologia do Ensino e Aprendizagem em Língua Portuguesa e Sintaxe: Estudo da Linguagem.**

O estudante participará de grupos de estudo que permitirão, por meio de pesquisas, dos saberes experienciais advindos da prática do estágio na escola e de reflexões, a análise de metodologias inovadoras que estão sendo utilizadas no contexto escolar e que possam fazer diferença no processo de ensino-aprendizagem de seus futuros alunos por meio de suas práticas pedagógicas.

Projeto Integrador VII – 7º Semestre – (Projeto Interdisciplinar: “Gestão Escolar”, 60 horas). Disciplinas relacionadas: **Gestão, Planejamento e Projeto Político-pedagógico, Compreensão e Produção Oral: Língua Inglesa e Análise e Revisão Textual.**

Os estudantes trabalharão com situações-problema (Aprendizagem Baseada em Problemas) que retratem a realidade vivenciada no contexto de gestão escolar. Esta proposta visa a uma aproximação da realidade que envolve a atuação do gestor na escola, permitindo a construção de conhecimentos e vivências sobre este processo. O conhecimento do cenário escolar à luz de sua gestão se faz como primordial no desenvolvimento do processo de formação dos futuros professores, uma vez que poderão atuar como gestores escolares e precisarão assumir uma postura inovadora, democrática e participativa.

OBSERVAÇÃO:

Destacamos que todos os projetos interdisciplinares ligados à PCC estarão além de articulados na verticalidade, ou seja, dentro das disciplinas propostas em cada semestre, também na horizontalidade, ou seja, articulados aos projetos integradores dos demais semestres. Exemplo: o portfólio é um instrumento avaliativo que será trabalhado no primeiro semestre e que depois será utilizado como um dos instrumentos avaliativos para as atividades propostas dentro dos demais projetos integradores desenvolvidos no decorrer de todo o curso.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A ideia de permear todo processo de formação como “prática” não é algo recente. Teóricos e conselheiros como Valnir Chagas já assinalam em 1975 a importância de que os currículos para formação dos professores fossem perpassados pela “prática” (SOUZA NETO; SILVA, 2014).

A partir daí os estudos começaram a estar voltados para o entendimento do que seria essa “prática”. Assim, surgiu a proposta de prática de ensino nos currículos, ideia preconizada pelo Parecer CNE/CP n. 9/2001 e no Parecer CNE/CP n. 21/2001. No entanto, esta proposta gerou grandes discussões, que envolveram a prática de ensino articulada com o estágio, principalmente no que tange a carga horária que deveria estar destinada a ele.

Diante disso, é importante ressaltar que a Prática de Ensino e Prática como Componente Curricular se diferem por sua própria natureza. A primeira tem uma articulação direta com o estágio, pois, segundo o artigo 3 do Parecer n.744 de 3 de dezembro de 1997, “[...] a prática de ensino deverá incluir, além de atividades de observação e regência em classe, ações relativas ao planejamento, análise e avaliação do processo pedagógico”. Já a segunda, conforme Souza Neto e Silva (2014, p.89, grifo nosso), apoiado no Parecer CNE/CP n. 28/2001, relata que:

A prática como componente é, pois uma prática que produz algo no âmbito do ensino. **Sendo a prática um trabalho consciente** [...] Assim, ela deve ser planejada quando da elaboração do projeto pedagógico e seu acontecer **deve se dar desde o início da duração do processo formativo e se estender ao longo de todo o seu processo.**

A partir do que Souza Neto e Silva (2014) preconizam, a Faculdade de Dracena – Unifadra priorizou nesta proposta de Prática como Componente Curricular o estabelecimento de Projetos Interdisciplinares que ocorrerão semestralmente no decorrer dos 07 (sete) semestres dos cursos de Licenciatura em Educação Física, Letras, Artes, Matemática, Computação e o curso de Pedagogia. Estes projetos visam estabelecer uma articulação com o contexto escolar, a partir de um processo dialético que articula a teoria e a prática dos futuros professores. Assim, enfatiza como objetivo principal a formação de sujeitos reflexivos, conscientes de seu papel enquanto professores no contexto contemporâneo escolar.

Nessa perspectiva, as 400 horas que envolvem a “Prática como Componente Curricular” estarão distribuídas no decorrer dos 07 (sete) semestres dos cursos de Licenciatura e Pedagogia, enfatizando as seguintes temáticas:

Quadro 1: Distribuição de projetos interdisciplinares no decorrer dos semestres

Semestres	Projetos Interdisciplinares	Carga Horária
1º	Portfólio como Instrumento Sistematizador de Conteúdo	40 horas
2º	Cinema na Escola	60 horas
3º	Aprendizagem Baseada em Problemas	60 horas
4º	Reflexões do Contexto Escolar	60 horas
5º	Metodologia na Prática Escolar	60 horas
6º	Metodologias Inovadoras	60 horas
7º	Gestão Escolar	60 horas

Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

O PRINCÍPIO DA INTERDISCIPLINARIDADE NA CONSTRUÇÃO DE PROJETOS

A discussão sobre os assuntos acima citados dar-se-á a partir de premissas interdisciplinares. A gênese do desenvolvimento de trabalhos a partir de uma perspectiva interdisciplinar teve suas primeiras discussões a partir da Lei nº 5.692/71. As reflexões acerca do assunto se ampliaram a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases Nº 9.394/96 e com os Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997. Atualmente o princípio interdisciplinar permeia as Diretrizes Curriculares, o Plano Nacional de Educação e a proposta da Base Nacional Comum Curricular.

Além da sua grande influência na legislação e nas propostas curriculares, a interdisciplinaridade tornou-se cada vez mais presente no discurso e na prática de professores. A utilização da interdisciplinaridade como forma de desenvolver um trabalho de integração dos conteúdos de uma disciplina com outras áreas de conhecimento contribui para o aprendizado do aluno.

A partir da interdisciplinaridade, é possível a interação entre disciplinas e ou assuntos aparentemente distintos, mas que possuem um eixo comum. Esta interação possibilita a formulação de um saber crítico-reflexivo, saber esse que deve ser valorizado cada vez mais no processo de ensino-aprendizado. É por meio dessa perspectiva que ela surge como uma forma de superar a fragmentação entre as disciplinas e os assuntos emergentes presentes no contexto escolar, tais como as discussões sobre gênero, raça, educação ambiental, saúde, violência, dentre outros.

Segundo Fazenda (1999), a interdisciplinaridade pressupõe um compromisso com a realidade. Nesse sentido, ela tem como ênfase integrar as outras disciplinas escolares no contexto que vise trabalhar a realidade da comunidade na qual o aluno se encontra. Como podemos perceber nas palavras de Libâneo (1994), o processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do educador e de seus educandos, entendemos, então, que o educador dirige o estudo das matérias e assim os alunos atingem progressivamente o desenvolvimento de suas capacidades mentais.

O desenvolvimento de propostas interdisciplinares no contexto do ensino superior garante aos futuros docentes o desenvolvimento da capacidade de relacionar as áreas de conhecimento, estabelecendo um sentido a partir da realidade e do contexto em que irão atuar. A vivência dessa experiência, desde a formação inicial, permite a aproximação com o conceito interdisciplinar e também com as propostas curriculares atuais, tais como a Base Nacional Comum Curricular que:

[...] propõe que a interdisciplinaridade como eixo articulador dos conceitos presentes nos componentes curriculares. Assim, desde a elaboração do documento preliminar – elaborado por uma comissão de 116 especialistas e 10 assessores – sugere-se mais claramente as possibilidades de diálogo entre os componentes curriculares. "Estamos agora em um processo de revisão do documento preliminar, que, dentre outras coisas, está mapeando as possibilidades de interdisciplinaridade mais próximas entre objetivos de aprendizagem de diferentes componentes curriculares em uma mesma etapa de escolarização", explica Hilda Aparecida Micarello, coordenadora pedagógica da Comissão de Especialistas para elaboração da Base Nacional. (PEIXOTO, 2015, p.04)

Diante disso, nossa proposta visa desenvolver as capacidades interdisciplinares em nossos licenciandos a partir de assuntos de ordem metodológica e assuntos que permeiam a vivência da realidade do contexto escolar em que eles irão atuar após a formação inicial. Nessa perspectiva, apresentaremos a seguir o detalhamento do que pretendemos desenvolver a partir de cada assunto.

OS PROJETOS INTERDISCIPLINARES SEMESTRAIS

Portfólio como Instrumento Sistematizador de Conteúdo

O portfólio é mais do que uma coleção de trabalhos realizados pelo estudante ao longo do tempo, uma vez que promove o aparecimento de uma aprendizagem reflexiva. Neste contexto, "[...]falamos então de portfólios híbridos que mantêm a possibilidade de escolha de materiais para avaliação, mas que têm de respeitar critérios de seleção e de reflexão preestabelecidos" (VEIGA SIMÃO, 2005, p. 282).

A elaboração do portfólio enquanto instrumento de formação e reflexão possibilita ao estudante promover a autorreflexão por meio das experiências vivenciadas. Adicionalmente, promove a avaliação conjunta com o docente ao partilhar com este os aspectos relevantes de todo o processo.

Canavarro, Martins e Rocha (2007) consideram o portfólio como um instrumento de avaliação de grande relevância, cujas informações nele contidas possibilitam ao professor verificar o processo de aprendizagem contínuo. Deste modo, o portfólio assume cada vez mais importância na formação de professores.

Segundo Sá-Chaves (2000), o portfólio proporciona o diálogo entre o professor e os estudantes que serve não só para fins de avaliação, como também facilita o alargamento e diversificação de entendimento entre si, o que estimula o desenvolvimento de um pensamento reflexivo. A sua utilização permite que se desenvolva uma prática reflexiva, possibilitando ao formando um papel ativo na sua construção, de forma a tomar consciência do valor do “aprender a aprender” e poder melhorar a sua prática de forma contínua, traçando objetivos que o orientem no seu desenvolvimento profissional e individual.

Esta prática implica de igual modo a planificação das atividades educativas, a produção de reflexões que caracterizam o contexto e os seus participantes, as relações interpessoais, as competências e os novos conhecimentos que foram adquiridos ao longo do processo de formação inicial, (SÁ-CHAVES, 2005).

De acordo com Sousa (1998, p.155), o portfólio pode ser olhado como um modelo de avaliação desencadeador e registrador do fluir do desenvolvimento cognitivo do estudante, com a vantagem de uma relação educativa menos competitiva, facilitadora não só do desenvolvimento da sua autonomia, mas também de todo o processo de formação, investigação e intervenção.

Diante disso, nossa proposta é desenvolver atividades interdisciplinares no decorrer do primeiro semestre em que esteja presente o uso do portfólio como uma maneira de articular os conhecimentos experienciais dos estudantes, com a teoria oriunda das disciplinas, à realidade escolar em que serão inseridos após a formação inicial. Essa proposta será apresentada aos docentes de maneira que possam desenvolver um trabalho coletivo, a partir do planejamento, bem como das ações que contemplem a relação entre os conteúdos curriculares ministrados numa perspectiva de conhecimento da realidade atual da educação escolar.

1.2 Cinema na Escola

A ideia de educar pelo cinema é altamente relevante e antiga, pois, segundo ARAÚJO (2007), desde os primórdios da produção cinematográfica a indústria do cinema sempre foi considerada, inclusive pelos próprios produtores e diretores, um poderoso instrumento de educação e instrução. Pode-se dizer que, como afirma Alencar:

O cinema possibilita o encontro entre pessoas, amplia o mundo de cada um, mostra na tela o que é familiar e o que é desconhecido e estimula o aprender. Penso que o cinema aguça a percepção a torna mais ágil o raciocínio na medida em que, para entendermos o conteúdo de um filme, precisamos concatenar todos os recursos da linguagem fílmica utilizados no desenrolar do espetáculo e que evoluem com rapidez. (ALENCAR, 2007, p. 137).

Percebe-se então claramente que o cinema se insere mais facilmente na mente do estudante, e o conteúdo do que está se passando no filme pode atuar como recurso pedagógico, pois é bastante flexível quanto ao modo de retratar qualquer assunto. De acordo com Viana (2002),

[...] o adequado equilíbrio entre as palavras e as imagens, facilita os processos de desenvolvimento do pensamento em geral e, em particular no processo de ensino/aprendizagem. É por isso que se assinala que sem sensações, percepções e representações, não há desenvolvimento do pensamento; daí, ser importante, sempre que possível, além das palavras, usar representações visuais (VIANA, 2002, p.77).

Desta forma, o cinema pode muito bem servir como instrumento útil ao processo de ensino-aprendizagem, pois educar pelo cinema ou utilizar o cinema no processo de ensino é ensinar a ver diferente. É educar o olhar. A educação está passando por uma fase em que o professor deve se desdobrar para atingir seu objetivo de educar, devido a dificuldades diversas a serem enfrentadas, fazendo com que a prática de ensino seja um tema bastante discutido entre os estudiosos da educação, pois qualquer tipo de aperfeiçoamento que se faça com o objetivo de auxiliar na prática para melhor aproveitamento do aluno é bem-vindo.

Teoria e prática precisam andar juntas, a fim de que uma complemente a outra. Assim, como o cinema é uma arte visual relativamente nova, pode ampliar a visão da educação dada em sala de aula e oferecer forma diferente de ensinar. Pois:

O significado cultural de um filme (ou de um conjunto deles) é sempre constituído no contexto em que ele é visto e/ou produzido. Filmes não são eventos culturais autônomos, é sempre a partir dos mitos, crenças, valores e práticas sociais das diferentes culturas que narrativas orais, escritas ou audiovisuais ganham sentido (DUARTE, 2002, p. 51-52).

Assim, o docente necessita descobrir nos filmes o processo de escolarização e retirar deles reflexões que instiguem os estudantes a raciocinar mais profundamente, pois aí está a chave da utilização do cinema na sala de aula. A informação que deve ser retirada do filme nem sempre está explícita nas cenas, pode estar subentendida em uma fala, em um cenário, em um modo de agir dos personagens, etc. Cabe ao professor direcionar a ligação entre o filme e o conhecimento. Com relação a isso, Carmo afirmou que:

[...] o cinema pode cumprir um papel saudável e esclarecedor no processo de escolarização. Não há como compreender a comunicação imagética sem o pensamento, sem o esforço intelectual. O acesso fácil às imagens não quer dizer um fácil entendimento de suas formas (CARMO, 2003, s/p).

Assim, ao se dispor a ver filmes como fonte de conhecimento e de informação, a análise dos filmes “[...] ajuda professores e estudantes a compreender (apreciar e, sobretudo, respeitar) a forma como diferentes povos educam/formam as gerações mais novas. É sempre um mundo novo, construído na e pela linguagem cinematográfica, que se abre para nós” (DUARTE, 2002, p. 106). Por esta razão, o professor que conseguir fazer a associação entre cinema e educação tem grande chance de ter sucesso no processo de ensino aprendizagem do conteúdo a ensinar, pois a linguagem fascinante do cinema reúne ao mesmo tempo, questões políticas, econômicas, existenciais e sociais.

Nesse sentido, nossa proposta é trabalhar com filmes no decorrer do desenvolvimento das disciplinas que retratem o contexto escolar, e que promovam a reflexão acerca dos problemas que circundam a escola e as possíveis formas que podemos encontrar, com base na teoria e nas reflexões produzidas no decorrer do processo de formação para amenizar ou até mesmo sanar alguns deles.

Estão em nosso rol de escolhas filmes e documentários tais como:

- ✓ *Escritores da Liberdade*: que retrata alunos rebeldes e sem vontade de aprender, ancorados em uma constante tensão racial. Assim, para fazer com que os alunos aprendam e também falem mais de suas complicadas vidas, a professora Gruwell (Hilary Swank) lança mão de métodos diferentes de ensino.
- ✓ *Entre os muros da escola*: que apresenta François Marin, um professor de língua francesa em uma escola de ensino médio, localizada na periferia de Paris. Ele e seus colegas de ensino buscam apoio mútuo na difícil tarefa de fazer com que os alunos aprendam algo ao longo do ano letivo. François busca estimular seus alunos, mas o descaso e a falta de educação são grandes complicadores.
- ✓ *Mentes perigosas*: discorre sobre uma ex-oficial da marinha que abandona a vida militar para ser professora de inglês. Só que, logo na primeira escola em que começa a lecionar, ela vai se deparar com diversas barreiras. Sendo um colégio de negros, latinos, e na maioria de pessoas pobres, ela terá que lidar com a rebeldia dos alunos. Como a professora Louanne Johnson não consegue por meio de métodos convencionais a atenção da sua classe, ela parte para outra forma de ensino. Passa a dar aulas com karatê e músicas de Bob Dylan, tentando ajudar a turma através de métodos pouco convencionais.
- ✓ *A língua das mariposas*: trata do menino Moncho, que teve sua vida transformada começando na escola. Vivia em tempo de fazer amigos e descobrir novas coisas, até o início da Guerra Civil Espanhola, quando ele reconhecerá a dura realidade de seu país. Rebeldes fascistas abrem fogo contra o regime republicano e o povo se divide. O pai e o professor do menino são republicanos, mas os rebeldes ganham força, virando a vida do garoto de pernas para o ar.

- ✓ Filhos do silêncio: conta a história de James Leeds um idealista professor de linguagem de sinais que gosta de usar métodos pouco convencionais. Na escola em que acaba de ser contratado, ele conhece Sarah Norman (Marlee Matlin), uma mulher arredia e fechada que continua na escola mesmo após ter se formado. Ao perceber o medo que a jovem tem do mundo, ele tenta se aproximar e ajudá-la, e o que era um desafio profissional logo transforma-se em uma louca paixão.
- ✓ Maria Montessori: uma vida dedicada às crianças: o filme conta a emocionante história da primeira mulher italiana formada em uma faculdade de medicina e de suas lutas contra o fascismo italiano pela aceitação de seu método de ensino, abordando seus dramas pessoais devido ao filho ilegítimo e aos costumes da época. A médica e professora Maria Montessori foi uma mulher à frente do seu tempo, que dedicou sua vida ao estudo e à pesquisa do mais fundamental e difícil problema do homem: a sua formação.

1.3 Aprendizagem Baseada em Problemas

Um dos maiores desafios da educação na atualidade é promover reformas que, de fato, acompanhem o desenvolvimento científico, tecnológico, social, cultural, econômico e ambiental, tendo em vista contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, social e economicamente.

O processo de reforma na educação, que inevitavelmente traz diversas mudanças, entre as quais romper com estruturas rígidas e com o modelo de ensino tradicional (LIBÂNEO, 1992; FREIRE, 1996, 2011; CAMBI, 1999; MIZUKAMI, 1986; SAVIANI, 1991), precisa investir na formação de professores com vistas ao desenvolvimento de competências que lhes permitam recuperar a dimensão essencial do ensino e da aprendizagem, que é a produção de conhecimento pertinente (MORIN, 2000) e significativo para contribuir com a formação de profissionais que irão atuar na sociedade, de forma inovadora e ética, com o cuidado necessário nas relações entre os seres humanos e o meio ambiente.

Muitas vezes, as experiências inovadoras são introduzidas a partir de práticas de ensino individuais bem sucedidas, cujos docentes alcançaram resultados de destaque em sua atuação pedagógica, facilitando, por isso, sua disseminação e ampliação nas demais instituições. Assim, na contramão do modelo tradicional de ensino, as experiências desenvolvidas buscam inovar, tendo em vista a exploração de novas possibilidades no contexto educacional, para mobilizar processos significativos de mudança.

Nesse cenário, em que se visa à satisfação da demanda por novas formas de trabalhar com o conhecimento, surge a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) como um método de aprendizagem inovador, contrapondo-se aos modelos didáticos de ensino apoiados em perspectivas ditas tradicionais, em que o professor é o centro do processo de transmissão de saberes para alunos que apenas recebem e memorizam o conhecimento transmitido.

Nesse contexto, a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) trata-se, portanto, de um método de aprendizagem centrado no estudante, que deixa o papel de receptor passivo do conhecimento e assume o lugar de protagonista de seu próprio aprendizado por meio da pesquisa.

Nesse sentido, nossa proposta é que no processo de desenvolvimento das disciplinas deste semestre os professores trabalhem com situações-problema que retratem a realidade vivenciada no contexto contemporâneo escolar. Além disso, que consigam buscar soluções à luz da teoria discutida nos conteúdos curriculares já vivenciados por eles desde o ingresso no ensino superior. O objetivo é apresentar a ABP como um método de aprendizagem significativo e eficaz, que pode ser utilizado nos diversos níveis de ensino e nas mais diferentes disciplinas.

1.4 Reflexões do Contexto Escolar

Todos nós, que passamos pela escola, temos diversas lembranças sobre como era ser aluno e como os acontecimentos vividos dentro dos muros da instituição e nos seus arredores podem ter um significado enorme na vida de uma criança ou de um adolescente. Muitos destes acontecimentos são diretamente relacionados às características do ensino, com todas as suas potencialidades e pontos críticos, o que nos leva à necessidade de falar das políticas públicas direcionadas à Educação, desde o momento de suas criações, até a forma de implementação no cotidiano escolar.

Segundo Souza (2007), a escola é um local de paradoxos, assim como toda instituição. Ao mesmo tempo em que neste espaço existem forças que levam ao sofrimento e ao fracasso, é formada por seres humanos que se dedicam a construir conhecimento, amor, cidadania, entre outros. Desta maneira, embora todos nós tenhamos lembranças de profunda admiração por pessoas que passaram e marcaram as nossas vidas escolares, não podemos negar que o ensino público no Brasil, há algum tempo, está em uma situação extremamente complexa.

Decorrente desta situação das escolas públicas, uma consequência grave que enfrentamos é o não cumprimento daquilo que a escola tem como objetivo atingir: o acesso à educação de qualidade a todos. Patto (2008) relata a trajetória das diferentes concepções de causas do fracasso escolar. Iniciado pela ideia da "teoria da carência cultural", o pensamento que buscava uma causa ou um culpado para o fracasso escolar passou por momentos em que a responsabilidade por este fenômeno estava calcada na concepção da relação empobrecida entre mães e filhos das camadas populares e pais desinteressados. Mais adiante, o discurso passou a atribuir como centro do problema a falta ou insuficiência na formação dos professores para atender determinados públicos.

Podemos observar um deslocamento do que era entendido como causa do fracasso escolar, procurando por um "culpado", ainda sem considerar as relações estabelecidas a partir deste contexto (SOUZA, 2007). Leite (2007) inicia uma discussão sobre qual é a função da escola. Ele afirma que esta, embora pareça uma questão simples, ao contrário disso, apresenta diversos olhares e diferentes concepções no decorrer da história das sociedades capitalistas. Entretanto, algo importante é que a maneira com que os homens e mulheres que trabalham no ambiente escolar realizam as suas tarefas difere de acordo com as ideias que estes profissionais possuem a respeito da função da educação.

Para o autor (2007), uma questão que permeia todas estas mudanças e os pontos de vista dos profissionais da educação é se a escola, em especial a escola pública, consegue, de fato, colaborar para uma sociedade mais justa, mais humana e que consiga contribuir para a superação da opressão, ou seja, contribuir para a formação de sujeitos críticos e transformadores.

Nesse sentido, a proposta para este semestre é que os estudantes, já inseridos no contexto da escola por meio do estágio supervisionado, possam produzir reflexões acerca de suas vivências nesse cenário. Para tanto, utilizaremos a técnica de construção de narrativas dos estudantes com a finalidade de tais vivências sejam refletidas e compartilhadas com os colegas e professores no decorrer do desenvolvimento das disciplinas.

1.5 Metodologia na Prática Escolar

Os avanços das ciências, o processo de urbanização acelerada, as mudanças sociais causadas pelo processo de industrialização viabilizaram uma renovação na organização do ensino. Esse processo ficou conhecido como Escola Nova (ARANHA, 1996). No Brasil, esse movimento chegou a partir da década de 1930, como uma reação à educação tradicional, caracterizada pelo imobilismo, pela descontextualização da escola e vida e pelo processo de ensino-aprendizagem centrado no professor.

Contrariamente, a Escola Nova propõe uma educação voltada aos interesses infantis (Pestalozzi e Fröebel); projetos integrados (Ferrière, Krupskaja e Makarenko); temas lúdicos, ensino ativo, atividade livre e estimulação sensorio-motora (Montessori e Decroly); valorização da experiência (Dewey); valorização do trabalho, atividade em grupo, cooperação e participação (Freinet), etc.

No Brasil, nos anos 1960, Paulo Freire é destaque na educação brasileira com a introdução de problemas políticos e socioculturais no processo escolar, através da educação libertadora e os chamados temas geradores. Suas ideias são conhecidas mundialmente e divulgadas por meio de seus livros, dentre eles

“Pedagogia do Oprimido” e “Pedagogia da Autonomia”. Jurjo Santomé e Fernando Hernandez, a partir da década de 1990 (Espanha), propõem o currículo integrado e os projetos de trabalho, que vão influenciar propostas pedagógicas e documentos oficiais brasileiros. Temos também a contribuição de Antoni Zabala, no início deste século, que propõe o projeto educativo abordado por um enfoque globalizador fundado na interdisciplinaridade.

Mais recentemente, com o desenvolvimento de novas tecnologias da informação e comunicação, muitos educadores defendem um currículo plural, permeado de temas, questões e problemas que se fazem presente no cotidiano de todos nós. Dentre eles, merece destaque Arroyo (1994, p. 31) que afirma:

Se temos como objetivo o desenvolvimento integral dos alunos numa realidade plural, é necessário que passemos a considerar as questões e problemas enfrentados pelos homens e mulheres de nosso tempo como objeto de conhecimento. O aprendizado e vivência das diversidades de raça, gênero, classe, a relação com o meio ambiente, a vivência equilibrada da afetividade e sexualidade, o respeito à diversidade cultural, entre outros, são temas cruciais com que, hoje, todos nós nos deparamos e, como tal, não podem ser desconsiderados pela escola.

Neste sentido, nossa proposta de trabalho nesse semestre é o trabalho com metodologias vinculadas às propostas de projetos visando à resignificação do espaço escolar, transformando-o num espaço vivo de interações, aberto ao real e às suas múltiplas dimensões. Essa escolha permitirá o crescimento do estudante no que tange o conhecimento de procedimentos de ensino aprendizagem que contemplem e se adequem à perspectiva interdisciplinar.

O trabalho com projetos inaugura nova perspectiva para compreendermos o processo de ensino-aprendizagem. Aprender deixa de ser um simples ato de memorização e ensinar não significa mais repassar conteúdos definidos ou prontos. Todo conhecimento passa a ser construído em estreita relação com o contexto em que é utilizado, sendo, por isso mesmo, impossível separar os aspectos cognitivos, emocionais e sociais presentes nesse processo.

Os projetos pedagógicos interdisciplinares são modos de organizar o ato educativo que indicam uma ação concreta, voluntária e consciente que é decidida tendo-se em vista a obtenção de algo formativo, determinado e preciso. Diante disso, aprimora a escolha por procedimentos de ensino aprendizagem contextualizados com a realidade escolar.

Segundo Hernandez e Ventura (1998, p. 61):

A função do projeto é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a: 1) o tratamento da informação, e 2) a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio.

Se a disciplina tem por objeto a transmissão de um saber específico, restrito e fragmentado a ser adquirido por meio de ferramentas específicas, o projeto pedagógico interdisciplinar vai além. Trata-se de uma construção pedagógica que deve ser entendida como conjunção global de múltiplos meios, que oferecerão suporte à busca e construção do conhecimento.

1.6 Metodologias Inovadoras

Mudanças geralmente representam desafios. Na educação não é diferente. A adoção de novas tecnologias e metodologias de ensino passa por um período de desconfiança antes de ser amplamente aceita e efetivada no dia a dia. No Brasil, mesmo a passos lentos, somam-se as experiências que estimulam os estudantes a serem proativos na busca pelo conhecimento e pelo desenvolvimento de competências. Escolas que quebram as barreiras do processo ensino-aprendizagem tradicional ousam na organização do ambiente, na utilização de novas didáticas e recursos e na mobilização de alunos, professores, familiares e comunidade.

Uma das fontes inspiradoras para essas escolas consideradas inovadoras é a Escola Básica da Ponte, em Portugal. Desde a década de 1970, a instituição aplica a educação democrática, que substitui as salas de aula por espaços de trabalho em grupo, propõe a atuação dos professores como tutores e está mais centrada em dar condições para o autodesenvolvimento do alunado, entre tantos outros instrumentos pedagógicos que constituem o projeto educativo.

Essa nova realidade está baseada nos princípios de que a escolarização e o trajeto de crescimento de cada pessoa são únicos e irrepetíveis e na necessidade de valorizar a construção da identidade pessoal, estimulando a iniciativa, a criatividade e a responsabilidade.

De fato, essas práticas visam adequar a escola às mudanças que o mundo enfrenta, especialmente em relação ao acesso às informações, à velocidade das transmissões e às redes colaborativas que tanto marcam o ambiente virtual e com as quais os estudantes estão habituados a conviver. Isso significa que a atual escola e a formação dos futuros docentes precisa ser repensada e totalmente reformulada para se aproximar da nova realidade e ser mais atrativa.

A escola tem que mexer na organização de tudo o que envolve as formas de ensinar e do aluno aprender: as metodologias de ensino, a ampliação de múltiplos espaços e tempos, com a presença das tecnologias digitais no cotidiano e na sala de aula, (MORAN, 1999, p.06).

O foco é uma formação que promova a autonomia do estudante. Se quisermos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados. Se quisermos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades expressivas (MORAN, 1999). Ou seja, as metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos.

Diante disso, nossa proposta para este semestre é o desenvolvimento de grupos de estudo vinculados ao desenvolvimento dos conteúdos curriculares que pesquisem sobre metodologias inovadoras com o intuito de articular os saberes experienciais advindos da prática do estágio na escola, os estudos sobre procedimentos didáticos que fortifiquem e consolidem ainda mais a formação dos futuros professores, no intuito de que possam fazer grande diferença no processo de ensino-aprendizagem de seus futuros alunos por meio de suas práticas pedagógicas.

1.7 Gestão Escolar

Já é lugar comum a afirmação de que vivemos uma época de mudança. Porém, a mudança mais significativa que se pode registrar é a do modo como vemos a realidade e de como dela participamos, estabelecendo sua construção.

A mudança de paradigma é marcada por uma forte tendência à adoção de concepções e práticas interativas, participativas e democráticas, caracterizadas por movimentos dinâmicos e globais, com os quais, para determinar as características do meio escolar, interagem gestores, funcionários, professores e alunos.

Como paradigma, é uma visão de mundo que permeia todas as dimensões da ação humana, não se circunscreve a esta ou àquela área, a este ou àquele nível de operação. A realidade atua como um conjunto de peças de dominó colocadas em pé, lado a lado: ao se empurrar uma, todas as demais irão caindo subsequentemente. Essa situação ilustra a compreensão da realidade como um sistema, daí por que todos os conceitos seriam inter-relacionados.

Mais do que isso ocorre, uma vez que um conceito está, de fato, inserido no outro. Muito embora as concepções de descentralização, democratização da gestão escolar e autonomia da escola sejam parte de um mesmo corolário, encontramos certos sistemas que buscam o desenvolvimento da democratização da gestão escolar, sem pensar na autonomia do estabelecimento de ensino e sem descentralizar poder para a mesma. Ou que pensam em construir sua autonomia, sem agir no sentido de criar mecanismos sólidos de sua democratização, em vista do que, paradoxalmente, se pode criar a autonomia do autoritarismo local.

Por outro lado, ainda, observa-se o esforço de alguns sistemas de ensino, no sentido de desenvolver nas escolas os conceitos de democratização e autonomia, de modo centralizado, o que implica uma contradição paradigmática muito comum, que faz com que os esforços se anulem. Isso porque é comum a prática de se incentivar a promoção de mudanças de cima para baixo, na hierarquia funcional, de modo que a mudança pretendida é proposta para a escola, não sendo absorvida e praticada por quem a propõe (Lück, 1985).

Diante disso, a proposta para este semestre contempla o conhecimento dos conceitos e vivências do processo de gestão escolar. O conhecimento do cenário escolar à luz de sua gestão se faz como primordial no desenvolvimento do processo de formação dos futuros professores, uma vez que poderão atuar como gestores escolares e precisarão assumir uma postura inovadora, democrática e participativa.

Os processos de inovação das práticas pedagógicas na escola requerem gestores atentos às mudanças e dispostos a colocar os melhores projetos em prática. “Um gestor é um líder, fundamental para a aceleração das mudanças necessárias numa escola envelhecida, obsoleta e pouco relevante para a formação profissional e para a formação para a vida”, (MORAN, 1999, p.07). Esse perfil não é apenas para quem atua diretamente nas instituições de ensino, mas também para os responsáveis pela gerência da educação pública.

Muitos se justificam na burocracia, na falta de verbas, no corporativismo dos profissionais da educação para deixar tudo como está. Mas um bom gestor promove, favorece, estimula mudanças nos modelos pedagógicos, na atualização metodológica, na viabilização de recursos tecnológicos e na mobilização de professores, funcionários, famílias e comunidade (MORAN, 1999, p.07).

Os docentes também precisam assumir novas posturas, ser mais proativos e inovadores. Nessa nova visão, a atuação do professor continua a ser fundamental, mas tem uma perspectiva mais ampla: direcionar os alunos, com seus diferentes ritmos de aprendizagem e habilidades, motivá-los a novas descobertas, sendo um interlocutor capaz de estimular cada estudante no caminho da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que se faz como necessidade urgente habilitar aqueles que, hoje, no país, estão em sala de aula, exercendo o magistério. Em nome dessa urgência, a Prática como Componente Curricular emerge como uma forma de ocupar um espaço significativo nos projetos pedagógicos e organizações curriculares dos cursos de licenciatura.

O rompimento com o modelo que prioriza a teoria em detrimento da prática não pode significar a adoção de esquemas que supervalorizem a prática e minimizem o papel da formação teórica. Assim como não basta o domínio de conteúdos específicos e/ou pedagógicos para alguém se tornar um bom professor, também não é suficiente estar em contato apenas com a prática para se garantir uma formação docente de qualidade. Sabe-se que a prática pedagógica não é isenta de conhecimentos teóricos e que estes, por sua vez, ganham novos significados quando diante da realidade escolar (PEREIRA, 2011).

Diante disso, esperamos que a implementação desse projeto interdisciplinar de Prática como Componente Curricular possa articular de maneira significativa a teoria com a prática a partir do estabelecimento de reflexões acerca do contexto escolar, do papel do professor e gestor no contexto contemporâneo, em que os assuntos sociais emergentes permeiam cada vez mais a construção dos currículos.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, S.E.P. O cinema na sala de aula: uma aprendizagem dialógica da disciplina história. **Dissert. mestrado**. Fac. de Educação. Univ. Federal do Ceará. Fortaleza/CE. 2007.
- ARANHA, M.L. História da Educação. 2ed. **Revista Atual**. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARAÚJO, S. A. Possibilidades pedagógicas do cinema em sala de aula. **Revista Espaço Acadêmico**, n.º 79, Mensal, Dezembro/2007.
- ARROYO, Miguel. O significado da infância. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL**, 1994, Brasília. Anais. Brasília: EC/SEF/DPE/COEDI. 1994. p. 88-92.
- BRASIL, Ministério da Educação. Parecer CNE/CES n. 744, de 3 de dezembro de 1997. Brasília, DF, 1997. Disponível em: <[http:// www.planalto.gov.br/index](http://www.planalto.gov.br/index)> acesso em 22 de jun de 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação. Parecer CNE/CP n.9 de 08 de maio de 2001, Brasília, DF, 2001. Disponível em: <[http:// www.planalto.gov.br/index](http://www.planalto.gov.br/index)> acesso em 22 de jun de 2017.

- BRASIL. **Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971.** Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em 23 junho de 2017.
- BRASIL/MEC. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia.** São Paulo: UNESP, 1999
- CANAVARRO, A. P., MARTINS, C. e ROCHA, I. (2007). **Avaliação na formação de professores. Alguns pontos para discussão.** Disponível em: <http://www.esev.ipv.pt/eiem2007/index_ficheiros/GD%20%20Professores.doc> Acesso em 26 de jun. de 2017.
- CARMO, L. **Revista Ibero Americana de Educação.** No. 32: Maio-Agosto 2003. Disponível em acesso em: 2010
- DUARTE, R. **Cinema & Educação.** – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** 4 ed. Campinas: Papirus, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia.** Saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996
- HERNÁNDEZ, F. & VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio.** Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- LEITE, S. A. S. A construção da escola pública democrática: algumas reflexões sobre a política educacional. In: **Orientação à queixa escolar.** São Paulo: Casa do Psicólogo. 2007
- LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos.** São Paulo: Loyola, 1992.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** 13 Ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- LÜCK, H. et al. **A escola participativa: o trabalho do gestor escolar.** 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1985
- MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino: as abordagens do processo.** São Paulo: EPU, 1986.
- MORAN, J.M. **O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD - uma leitura crítica dos meios.** Programa TV Escola - Capacitação de Gerentes" , realizado pela COPEAD/SEED/MEC em Belo Horizonte e Fortaleza, no ano de 1999.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000
- PEIXOTO, L. **Porque uma Base Nacional Comum Curricular?** [online] 2015. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/por-que-uma-base-nacional-comum-curricular-1.html>> Acesso em: 24 de junho de 2017.
- Pereira, J. E. D. A prática como componente curricular na formação de professores. **Rev.Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 2, p. 203-218, maio/ago. 2011.
- SÁ-CHAVES, I. **Os “portfolios” reflexivos (também) trazem gente dentro. Reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos educativos.** Porto: Porto Editora, 2005.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia.** 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991
- SOUSA, C. P. **Evocação da entrada na escola: relatos autobiográficos de professoras e professores.** In: BUENO, B. O. et al. (Org.). A vida e o Ofício dos Professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras, 1998, p.31-44.
- SOUZA NETO, Samuel; SILVA, Samuel Pinto da. Prática como componente curricular: questões e reflexões. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 889-909, set/dez 2014.
- VEIGA SIMÃO, A. M., LOPES DA SILVA, A. & SÁ, I (Orgs.) **Autorregulação da Aprendizagem: das Concepções às Práticas.** Coleção Ciências da Educação. Lisboa: Educa & UIdCE. 2005
- VIANA, M. C. V., Perfeccionamiento del currículo para la formación de profesores de matemática en la UFOP. **Tese de Doutorado.** ICCP-Cuba. 2002.

2 - FORMAÇÃO DE DOCENTES - ESTÁGIO SUPERVISIONADO - ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO II - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 154/2017		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		Descrição Sintética do Plano de Estágio	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica Específica para o Estágio
Art. 11 O estágio supervisionado obrigatório, previsto no inciso III do art. 8º, deverá ter projeto próprio e incluir:	I – 200 (duzentas) horas de estágio na escola, em sala de aula, compreendendo o acompanhamento do efetivo exercício da docência nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, bem como vivenciando experiências de ensino, na presença e sob supervisão do professor responsável pela classe na qual o estágio está sendo cumprido e sob orientação do professor da Instituição de Ensino Superior;	O estágio será realizado com ênfase em procedimentos de observação e reflexão, por meio do acompanhamento, da participação e execução de projetos de docência e gestão educacional, da avaliação do ensino, das aprendizagens e de projetos pedagógicos. Será desenvolvido nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Conterá com três aspectos básicos: 1. Observação: observar e relatar em formulário as características físicas e pedagógicas da escola; as características da clientela escolar; os aspectos didáticos e pedagógicos utilizados. 2. Participação: prestar auxílio didático-pedagógico à coordenação e aos professores na forma de reforço aos alunos. 3. Regência: elaborar em formulário próprio, um plano de aula; confeccionar material didático-pedagógico para aula prática quando possível, ministrar a aula, segundo o Plano e autoavaliar seu desempenho.	BARREIRO, I.M. de F.; GEBRAN, R.A. Prática de Ensino e Estágio supervisionado na formação de professores. 2006. CARVALHO, A.M.P de. Os estágios nos cursos de licenciatura. 2012. PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática. 2009 PIMENTA, S. G.; LIMA, Maria do S. L. Estágio e docência. 2007
	II – 200 (duzentas) horas dedicadas ao acompanhamento das atividades da gestão da escola dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, nelas incluídas, entre outras, as relativas ao trabalho pedagógico coletivo, conselhos da escola, reuniões de pais e mestres, reforço e recuperação escolar, sob orientação do professor da Instituição de Ensino Superior e supervisão do profissional da educação responsável pelo estágio na escola, e, em outras áreas específicas, se for o caso, de acordo com o Projeto de Curso de formação docente da Instituição.	Elaboração em formulário específico, de relatório das atividades escolares de reforço e dissertação sobre as suas conclusões acerca do processo de ensino-aprendizagem, fundamentando-se nas atividades de Observação, Participação e Regência.	OLIVEIRA, D.A. Gestão Democrática da educação – desafios contemporâneos. 2009 PARO, V. H. Gestão Democrática da escola. 2010 CENPEC. Diagnóstico e plano de ação educativa: uma proposta de trabalho coletivo. 2009 MARIOTINI, S. D. A Contribuição dos Horários de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) na Formação Continuada de Professores Inicantes. Dissertação (Mestrado em Educação). 2007 TARDIF, M. Saberes Docentes e Formação Profissional. 2006
	Parágrafo único – Os cursos de Educação Física e Artes deverão incluir estágios em educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, nos termos deste artigo. (Acréscimo)		

1º SEMESTRE

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DO CICLO VITAL

EMENTA: Análise do desenvolvimento humano, na inter-relação das suas dimensões biológica, sociocultural, afetiva e cognitiva. Estudo dos principais fenômenos e processos de desenvolvimento humano e do ciclo vital do período pré-natal até a morte em diferentes contextos socioculturais. Compreensão da relação entre desenvolvimento humano e processo educativo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BEE, H. L. **O ciclo vital.** Porto Alegre: ARTMED, 1997.

BOCK, A. M. B. **Psicologias: uma introdução ao ensino da psicologia**. 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.
 OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico**. São Paulo, Scipione, 1997.
 PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 7.ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
 VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 10 ed. São Paulo: Ícone, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARIES, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.
 DESSEN, M.A.; COSTA JUNIOR, A.L. **A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
 EIZIRIK, C. Laks. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica**. Porto Alegre: ARTMED, 2007.
 ERIKSON, Erik H. **O ciclo de vida completo**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
 GET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.
 LA TALIE, Y. de; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 17. ed. São Paulo: Summus, 1992.
 FMCSV. **Primeira Infância**. Disponível em: <http://www.fmcsv.org.br/Pt-br/acervodigital/>

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

EMENTA: A natureza da atividade filosófica e sua relação com a educação no aprimoramento crítico e investigativo do professor, articulando as reflexões filosóficas com as questões pertinentes à área pedagógica, bem como, explicitando os pressupostos do ato de educar, ensinar e aprender em relação a situações concretas de sala de aula a partir do debate de temas relacionados ao conhecimento, à realidade e à ética. Reflexões sobre questões educacionais contemporâneas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARRUDA, A. M. L. PIRES M. M. H. **Filosofando, Introdução à Filosofia**. São Paulo: Moderna, 2007.
 CHAUI, M. **Convite à Filosofia**. São Paulo: Ática, 2005.
 DURMEVAL, T. M. (coord.). **Filosofia da educação brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998.
 LUCKESI, C.C. **Filosofia da educação**. São Paulo: Cortez, 1993.
 GAARDER, J. **O Mundo de Sofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
 SOUZA, S. M. R. **Um Outro Olhar: Filosofia**. São Paulo: FTD, 1995.
 SEVERINO, A. J. **Filosofia da educação construindo a cidadania**. São Paulo: FTD, 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COTRIM, G. **Fundamentos da Filosofia**. São Paulo: Editora Saraiva, 1996.
 JERPHAGNON, L. **História das Grandes Filosofias**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1992.
 MARCONDES, D. **Iniciação à História da Filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 1997.
 SAVIANI, D. **Educação. Do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 1980.
 _____. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1988.

FONÉTICA E FONOLOGIA

EMENTA: Introdução ao campo da descrição, teoria e análise fonética e fonológica. Subsídios teórico-metodológicos para: a prática de transcrição de linguagem; análise dos níveis fonético, fonológico e prosódico de línguas naturais; análise de processos fonológicos. Sistema fonético e fonológico do Português Brasileiro e outras línguas naturais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CAGLIARI, L.C. **Análise fonológica**. Campinas: Mercado de Letras, 2002. CAGLIARI, L.C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007. CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e Fonologia do Português** - Roteiro de Estudos e Guia de Exercícios. 9. Ed. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARAUJO, G.A. (org.) **O Acento em Português: abordagens fonológicas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. BISOL, L.; COLLISCHONN, G. (orgs.) **Português do Sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. BISOL, L. (org.) **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. CÂMARA Jr., J.M. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1977. MAIA, E. M. **No Reino da Fala: a linguagem e seus sons**. São Paulo: Ática, 1986.

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO

EMENTA: Teoria da comunicação humana, a semiótica ou Teoria dos Signos, problemas da comunicação. A expressão e a comunicação escrita. A função da linguagem e a mensagem. A expressão e comunicação oral e a lógica do discurso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, Produção e Criatividade: Processos de Neologismo**. São Paulo: Global, 1981. BERLO, David K. **O Processo de Comunicação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972. BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Heny Hott and Company, 1933. BORDENARE, Juan E. Díaz. **Além dos meios e mensagens**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983. CALDAS, Waldemir. **Cultura de Massas**. São Paulo: Global, 1991. CÂMARA JR., Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. São Paulo: J. Ozon Editor, 1996. _____ **Linguística e Semiologia**. São Paulo: J. Ozon Editor, 1999. CHALUB, Samira. **Funções da Linguagem**. São Paulo.2001 CHERRY, Colin. **A comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 1968. DOR, Jöcl. **Introdução a leitura de Lacan – inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. ECO, Humberto. **As formas de conteúdo**. São Paulo: Perspectivas, 1974. GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação e controle social**. HYELMSLEV, L. **Prolegômenos e uma Teoria da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975. PENTEADO, I.R.W. **A Técnica da Comunicação Humana**. São Paulo: Pioneira, 1977. SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1972. WITTER, G. P. **Psicolinguística. Manual de Linguística**. Petrópolis: Vozes, 1979

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

HYELMSLEV, L. **Prolegômenos e uma Teoria da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975. PENTEADO, I.R.W. **A Técnica da Comunicação Humana**. São Paulo: Pioneira, 1977. SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1972. WITTER, G. P. **Psicolinguística. Manual de Linguística**. Petrópolis: Vozes, 1979

REVISÃO DE LITERATURA EM LÍNGUA PORTUGUESA.

EMENTA: Estudo da Literatura Portuguesa e Brasileira, os movimentos literários e autores e obras.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Imedina, 1998.
- AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. 1 ed., São Paulo Cultrix, 1972.
- BOURNEUF, Roland & OUELLET, Real., **O universo do romance**.Coimbra: Almedina, 1976.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo: Ática, 1985.
- CÂNDIDO, António et alii. **A personagem de ficção**. 4.ed., São Paulo, Perspectiva, 1974.
- CARA, Salete de Almeida. **A poesia lírica**.São Paulo: Ática, 1985.
- CASTAGNINI, Raul H. **Análise literária: introdução metodológica a uma estilística integral**. São Paulo: Mestre JOU, 1970

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ÁVILA, Afonso. **O poeta e a consciência crítica**. 2ª ed. São Paulo: Summus Editorial, 1978. ARARIPE JÚNIOR, Tristão de A. **Obra crítica**. Rio de Janeiro: MEC/Casa Rui Barbosa, 1958.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 32ª ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- ASSIS BRASIL, A. **A nova literatura brasileira: a poesia**. Rio de Janeiro: CEA/INL, 1973.
- CÂNDIDO, Antonio. **Na sala de aula. Caderno de análise literária**. São Paulo: Ática, 1988

TECNOLOGIAS DIGITAIS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA APRENDIZAGEM DE LÍNGUAS

EMENTA: Discutir as questões sobre aprendizagem de línguas, tendo como referencial teórico as abordagens sociointeracionistas, entender como as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) podem auxiliar o processo ensino-aprendizagem e discutir as implicações do uso das TDIC na Educação. Os alunos deverão, a partir da sua experiência de aprendizes, analisar como aprendem, como as TDIC podem contribuir para a aprendizagem individual e como o processo ensino-aprendizagem de línguas pode ser auxiliado pelo uso das TDIC.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ANCKER, William. P. **The Challenge and opportunity of technology: an interview with Mark warschauer**. **English Teaching Forum** October. 2002
- ARAÚJO, Antonia. D. **Tecnologia da informação e da comunicação na sala de aula de línguas**. In: COMPUTADORES E ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: UMA ANÁLISE DE SITES INSTRUACIONAIS COMUNICATIVOS. Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 9, número 3, set./dez. 2009.
- ARAÚJO, J.C. **Internet e ensino: novos gêneros, outros desafios**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- SALES, J. T. L. (2004). **Alunos, professor e computador, o que une esse trio?** Revista Virtual de Estudos da Linguagem –ReVEL. Ano 2, n. 2.
- WARSCHAUER M. (1996) "**Computer Assisted Language Learning: an Introduction**". (ed.) Multimedia language teaching, Tokyo: Logos International.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- PERALTA, Helena & Costa, Fernando Albuquerque (2007). **Competência e confiança dos professores no uso das TIC. Síntese de um estudo internacional**. Sísifo. Revista de Ciências da Educação, 3, pp. 77-86. Disponível em: <http://sisifo.fpce.ul.pt> . Acessado em: Dezembro de 2017.
- ROGERSON-REVELL,P. (2005) **A hybrid approach to developing CALL materials: authoring with Macromedia's Dreamweaver/Coursebuilder**. ReCALL Vol 17 (1), 122-138.
- WARSCHAUER, M. (1996). **Computer-assisted language learning: An introduction**. In S. Fotos (Ed.) **Multimedia language teaching** (pp. 3-20). Tokyo, Japan: Logos International.

2º SEMESTRE**PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM**

EMENTA: Abordar as principais teorias da aprendizagem. As escolas teóricas: interacionismo; socioconstrutivismo; psicanálise; psicogenética; pós-construtivismo. Aspectos do desenvolvimento: afetivo-emocional, cognitivo, psicomotor, psicossocial, social. Contribuições da perspectiva teórico-cognitiva e histórico-cultural para o estudo do processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento do adolescente e suas implicações para o contexto educativo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2.ed. Porto Alegre: ARTMED, 2004. 3 v.
 COLL, C. *et al.* **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.
 OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.
 REGO, T. C. **Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2004.
 PAPALIA, D. E.; OLDS, S.W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 7. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
 LA TALIE, Y. de; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 17. ed. São Paulo: Summus, 1992.
 LEFRANÇOIS, Guy R. **Teorias da Aprendizagem**. São Paulo: Cengage, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- CATANIA, A. C. **Aprendizagem: Comportamento, linguagem e Cognição**. 4. ed. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
 DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. de. **Psicologia na Educação**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994.
 FONTANA, D. **Psicologia para professores**. 2. ed. São Paulo: Manole, 1991.
 GOULART, I. B. **Psicologia da Educação: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
 NOVAES, M. H. **Psicologia da Educação e Prática Profissional**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.
 PULASKI, S. **Compreendendo Piaget – uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1996.
 VYGOTSKY, L. S.; COLE, M. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO

EMENTA: Introdução aos paradigmas clássicos e contemporâneos; as grandes questões da Sociologia: Sociedade, educação e divisão do trabalho: o objeto de análise da sociologia da educação; Pensamento social e educação: ilusão e crítica; Pensamento social e educação: resistência cultural e transformação social e emancipação; estrutura social e desempenho escolar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1988.
 FREITAG, B. **Escola, Estado e Sociedade**. 6ª edição. São Paulo: Editora Moraes, 1986.
 PILETTI, N. **Sociologia da educação**. São Paulo: Ática, 1997.
 QUINTANEIRO, T. et al. **Um toque de clássicos**. Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
 RODRIGUES, AT. **Sociologia da Educação**. São Paulo: DP&A, 2003.
 SAVIANI, DI. **Escola e Democracia**. 20ª edição. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.
 WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- D'INCAO, M. A. **Sociabilidade: espaço e sociedade**. São Paulo: Grupos Editora, 1999.
 _____. **O Brasil não é mais aquele... mudanças sociais após a redemocratização**. São Paulo: Cortez, 2001.
 FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.

KRUPPA, S. M.P. **Sociologia da educação**. São Paulo: Cortez, 1995.

LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M. I. M. **A escola pública no Brasil: história e historiografia**. Campinas: Autores Associados, 2005.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DAS RELAÇÕES ETNICORRACIAIS

EMENTA: História dos movimentos e ideias educacionais: a análise do pensamento dominante nos vários momentos históricos. As ideias pedagógicas elaboradas historicamente e suas mediações na prática educacional. Relações sociais e etnicorraciais no Brasil analisadas a partir de aspectos conceituais, históricos, legais e políticos. Movimentos sociais e as questões etnicorraciais. Análise e crítica da articulação entre o referencial teórico e o desenvolvimento de práticas pedagógicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BITTAR, M. **História da Educação da Antiguidade à Época Contemporânea**. São Carlos: Edufscar, 2009.

FALCON, F.J.C. História cultural e história da educação. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.

GADOTTI, M. **História das Ideias Pedagógicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1994.

MARCÍLIO, M. L. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo, Editora: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014.

PILETTI, N. e PILETTI, C. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2002.

ROMANELLI, O. O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 35.ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2010.

SAVIANI, D. LOMBARDI, J.C., SANFELICE, J.L. (orgs.) **História e História da Educação**. Campinas: Autores Associados, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CNE/MEC, que “institui Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana”. 17 de junho de 2004

INEP - UNESCO Coleção “Grandes Educadores” disponível em www.dominiopublico.gov.br.

MELATTI, J.C. **Índios do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1980.

XAVIER, M. E.; RIBEIRO, M. L.; NORONHA, O. M. **História da Educação: a escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.

MANACORDA, M.J. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 1989.

SILVA, T. T. da Silva, (org). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

ROSEMBERG, F.; BAZILI, C.; SILVA, P. V. B. **Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 125-146, jan./jun., 2003.

TIPOLOGIA E GÊNEROS TEXTUAIS

EMENTA: Discute sobre as funções sociais que a tipologia e gêneros textuais desempenham na sociedade, avaliando a necessidade de se conhecer os processos cognitivos envolvidos nas atividades e sua relação com o ensino de Língua Portuguesa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRONCKART, J.-P. (1999). *Atividades de linguagem, textos e discursos. Por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: Editora da PUC/SP.

KÖCHE, Vanilda Salton. **Gêneros Textuais do argumentar e expor**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

TRAVAGLIA, L. C. (1991). **Um estudo textual-discursivo do verbo no português**. Campinas, Tese de Doutorado / IEL / UNICAMP, 1991. 330 + 124 pp.

___ (2002). **Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos**. Mimeo.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FÁVERO, L. L. & KOCH, I. V. (1987). “**Contribuição a uma tipologia textual**”. In *Letras & Letras*. Vol. 03, nº 01. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia. pp. 3-10.

MARCUSCHI, L. A. (2002). “**Gêneros textuais: definição e funcionalidade**” In DIONÍSIO, Â. et al. *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna.

SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. (2004). *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas: Mercado de Letras

INTRODUÇÃO À LÍNGUA INGLESA

EMENTA: A unidade curricular Língua Inglesa I constitui-se como introdução e reflexão sobre aspectos gerais da língua inglesa, dentro de uma perspectiva sociointeracional e cultural, e sobre o papel da aprendizagem da língua inglesa na formação em temas relevantes para o estudante e profissional da área de Letras. Tal unidade servirá como preparação dos alunos para o trabalho com contextos de uso e gêneros, a ser realizado nos demais semestres do curso de Língua Inglesa, e para fomentar uma postura crítica e reflexiva acerca do seu processo de aprendizagem e aquisição. Caberá ao docente responsável pelo curso decidir como tal fomento será operacionalizado. Serão abordados temas como o significado de língua e linguagem; as relações entre língua, história, pensamento e cultura; o papel da aprendizagem de uma língua estrangeira e, mais especificamente do inglês, na formação em Letras; a história da língua inglesa e sua posição no mundo atual; documentos e manifestações culturais representativos expressos na língua inglesa. Durante o semestre o aluno refletirá sobre questões de ensino e aprendizagem e aquisição de um idioma composto por tantas variedades linguísticas, bem como o impacto e motivos de se ensinar uma língua “global”. Haverá ênfase em leitura de textos e as estratégias de desenvolvimento dessa habilidade serão amplamente discutidas e analisadas. Na seleção de temas discutidos, serão obrigatoriamente contemplados também aqueles que atendem à Resolução CNE/CP nº 1 de 30 de maio de 2012, à Lei n. 10.639/2003, à Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004 e à Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARBER, C. L. *The English Language: A Historical Introduction*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CRYSTAL, D. *English as a Global Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

CRYSTAL, D. *The Cambridge Encyclopedia of the English Language*. Second Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CRYSTAL, D. *The Cambridge Encyclopedia of Language*. Third Edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

KERNERMAN, L. *Password English Dictionary for Speakers of Portuguese*. 4ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

McARTHUR, T. *The English Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

McCRUM, R.; CRAN, W. & MacNEIL, R. *The Story of English*. New York: Penguin Books, 1987.

MURPHY, R. *English Grammar in Use with Answers: A Self-Study Reference and Practice Book for Intermediate Students of English*. 4th edition. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.

TEORIA DA LITERATURA

EMENTA: Apresentação e discussão dos conceitos fundamentais de teoria e análise da obra literária, no que diz respeito aos gêneros lírico, épico e dramático. Abordagem de tais conceitos na prática pedagógica relativa ao ensino de literatura. Na seleção de temas discutidos, serão obrigatoriamente contemplados também aqueles que atendem à Resolução CNE/CP nº 1 de 30 de maio de 2012, à Lei n. 10.639/2003, à Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004 e à Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico da Literatura*. São Paulo: Humanitas, 2006. ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RYNGAERT, Jean-Pierre. *Introdução à análise do literário*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

GENETTE, Gérard. **Discurso da narrativa**. Tradução de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Vega: 1995.

KAYSER, Wolfgang. **Análise e interpretação da obra literária**. Coimbra: Arménio Amado, 1985.

PIGNATARI, Décio. **O que é a comunicação poética**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2005. REUTER, Yves. **Introdução à análise do romance**. São Paulo: Martins Fontes, 2004. SPINA, Segismundo. **Na madrugada das formas poéticas**. São Paulo: Ateliê, 2002.

ANÁLISE MORFOLÓGICA

EMENTA: Modelos de análise morfológica. Morfema, alomorfe, palavra. Identificação e classificação de morfemas e alomorfes. Formação e classe de palavras em diversas línguas. Estudar os aspectos morfológicos da Língua Portuguesa e suas relações com a leitura e a produção de textos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CÂMARA Jr., J. Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 2001.

PETTER, Margarida Maria Taddoni. Morfologia. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Introdução à Linguística: princípios de análise**. São Paulo: Contexto, 2003. p. 59-79.

ROSA, M. C. **Introdução à Morfologia**. São Paulo: Contexto, 2002. SANDALO, Maria Filomena Spatti. Morfologia.

In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 181-206.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

AZUAGA, Luíza. Morfologia. In: FARIA, Isabel Hub et al. (Orgs.). **Introdução à linguística geral e portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996, p. 215-244. 12

BASÍLIO, M. Teoria Lexical. São Paulo: Ática, 2001.

FREITAS, Horácio Rolim de. Princípios de morfologia. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

3º SEMESTRE

EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA

EMENTA: Evolução histórica da Educação Especial e Inclusiva no Brasil. A base legal da educação especial e inclusiva. A educação inclusiva no contexto socioeconômico e político brasileiro. Abrangência e pressupostos legais da educação inclusiva. Características das pessoas com necessidades especiais. A importância da inclusão e o respeito às diferenças. A dinâmica da inclusão no cotidiano da sala de aula e o papel docente. Função das salas multifuncionais na Educação Básica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALVES, F. Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio. RJ: Wak, 2005.

ALVES, D. O.; GOTTI, M. O. Atendimento educacional especializado: concepções, princípios e aspectos organizacionais. Ensaio Pedagógico. Brasília: MEC/SEESP, 2006. p.268-272.

BAPTISTA, C. R.; JESUS, D. M. de. (org) LAPLANE, Adriana Lia Frizman de. et. al. Avanços em políticas de inclusão: o contexto da educação especial no Brasil e em outros países. Porto Alegre: Mediação/CDY/FACITEC, 2009.

BEYER, H. O. Inclusão e Avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2010.

CASTANHO, D. M.; FREITAS, S. N. Inclusão e prática no ensino superior. Revista Educação Especial, 27:85-92. 2005.

GOES, M. C. R.; Laplane, A. L. F. Políticas e Práticas de Educação Inclusiva. Campinas: Autores Associados, 2007.

MACHADO, *et al.* Educação Inclusiva: direitos humanos na escola. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

MICHELS, H. M. Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização. In. Revista Brasileira de Educação, Vol. 11, nº. 33. Rio de Janeiro; 2006 p. 406-423.

PERRENOUD, P. Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

SANTOS, M. P. do; PAULINO, M. M. (org). *Inclusão em educação: culturas políticas e práticas*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CORRER, R. **Deficiência e inclusão social: construindo uma nova comunidade**. São Paulo: EDUSC, 2003.

DIEHL, R. M. **Jogando com as diferenças**. São Paulo: Phorte, 2006.

FIERRO, A. **Os alunos com deficiência mental**. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALÁCIOS, J. (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: ARTMED, 2004. p. 193 - 214.

GUYTON, A. C.; HALL, J. E. **Tratado de Fisiologia Médica**. 11. ed. São Paulo: Editora Elsevier, 2006.

OLIVEIRA, A. A. S.; OMOTE, S.; GIROTO, C. R. M. **Inclusão Escolar: as contribuições da educação especial**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.

SEB/BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2001.

SEB/BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: adaptações curriculares – estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais**. Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999.

DIDÁTICA GERAL

EMENTA: Histórico da didática e das tendências pedagógicas que se refletem na realidade do ensino brasileiro, conceitos do ensinar e do aprender. Ensino e tendências pedagógicas. Organização do processo e domínio da gestão do ensino e da aprendizagem e do manejo de sala de aula. Organização do trabalho pedagógico: Plano de Ensino e Plano de Aula. Planejamento como instrumento de criação e manutenção docente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

A. P.; BIANCHETTI, L. (orgs). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. pp.25-49

ANTUNES, C. *As inteligências múltiplas e seus estímulos*. Campinas: Papyrus, 2008.

CANDAUI, V. M. (org.) *A didática em questão*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

HAIDT, R. C. Cazaux. *Curso de Didática Geral*. São Paulo: Ática, 2003.

LEIS, H. R. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. **Cadernos pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**. Florianópolis, 07 jul. 2007. pp. 3 – 22

LIBANEO, J. C. *Didática: Velhos e novos temas*. Goiânia: Ed. do autor, 2002.

MASETTO, M. *Didática: a aula como centro*. São Paulo: FTD, 1997.

MELLO, Guiomar, Namo. *Formação inicial de professores para educação básica: uma (re)visão radical*. **São Paulo Perspec**. vol.14 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2000

PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

SAVIANI, D. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. *Revista Brasileira de Educação* v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.

VALE, Vera do. *Do tecer ao remendar: os fios da competência socio-emocional*. *Exedra* • nº 2 • 2009. **Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Coimbra**. Disponível em: < http://www.exedrajournal.com/docs/N2/09A-vera-vale_pp_129-146.pdf >

ZABALA, A.; ARNAU, L. *Como aprender e ensinar competências*. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

GANDIN, D. **Planejamento como prática educativa**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1994.

HERNÁNDEZ, F. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LIBANEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2004.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.

INTRODUÇÃO À METODOLOGIA DE ENSINO EM LINGUAGENS

EMENTA: Instrumentalizar o aluno para o trabalho com a análise literária de textos em prosa e verso. Formalizar o estudo de texto a partir da aplicação do instrumental teórico básico aos textos literários da literatura ocidental (Língua Estrangeira) que fundamentam a Literatura Brasileira.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- AGUIAR, Maria Aparecida Lapa de; PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. **Formação docente e sua constituição multifacetada**. Educação, Sociedade & Culturas, Porto, Portugal, n.29, p.125-139, 2009.
- AUERBACH, Erich. **Introdução aos estudos literários**. 1 ed., São Paulo Cultrix, 1972.
- AZEVEDO, Fernando. Literatura infantil: recepção leitora e competência literária. In: _____.
- Língua materna e Literatura Infantil**. Elementos nucleares para professores do Ensino Básico. Lisboa: Lidel, 2006.
- BOURNEUF, Roland & OUELLET, Real., **O universo do romance**. Coimbra: Almedina, 1976.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.
- CÂNDIDO, António et alii. **A personagem de ficção**. 4.ed., São Paulo, Perspectiva, 1974.
- CARA, Salete de Almeida. **A poesia lírica**. São Paulo: Ática, 1985.
- CASTAGNINI, Raul H. **Análise literária: introdução metodológica a uma estilística integral**. São Paulo: Mestre JOU, 1970.
- FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986[1985]

- FIORIN, J. L. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Ática, 2006.
- GERALDI, João Wanderley. *Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1996.
- Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa / Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008.
- São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. *Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. – 2. ed. – São Paulo: SE, 2011. 260 p.*

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- AGUIAR, Maria Aparecida Lapa de; PELANDRÉ, Nilcéa Lemos. **Formação docente e sua constituição multifacetada**. Educação, Sociedade & Culturas, Porto, Portugal, n.29, p.125-139, 2009.
- SAMUEL, Roquel et alii. **Manual de teoria literária**. Petropolis: Vozes, 1984.
- SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da literatura**. 1 ed. rev. e aum. Coimbra, Almedina, 1973. Também a 4.ed., v.I, 1982.
- TAVARES, Hênio. **Teoria literária**. 5.ed. rev. e aum. Belo Horizonte, Itatiaia, 1974.
- CÂNDIDO, Antonio. **Na sala de aula**. caderno de análise literária. São Paulo: Ática, 1985.

ESTUDO DO TEXTO ARGUMENTATIVO

EMENTA: O que é argumentação. Domínio da argumentação e suas técnicas. Diferença entre dissertação e argumentação. A estrutura do texto argumentativo. Produção de textos argumentativos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CITELLI, Adílson. **O Texto Argumentativo**. São Paulo: Scipione, 1994
- KOCH, Ingedore Villaça. **A Inter-Ação pela Linguagem**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1995.
- GRANATIC, Branca. **Técnicas Básicas de Redação**. São Paulo: Scipione, 1988.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- GUIMARÃES, Elisa. **A Articulação do Texto**. São Paulo: Ática, 1993.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em Prosa Moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 1981.
- FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. **Para Entender o Texto**. (Leitura e Redação). São Paulo: Ática, 1990.
- FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. **Para Entender o Texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2007.
- FIORIN, José Luiz e SAVIOLI, Francisco Platão. **Lições de Texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2001.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. **Novíssima Gramática**. São Paulo: Nacional, 2008

GRAMÁTICA DA LÍNGUA INGLESA

EMENTA: Constitui-se como introdução e reflexão sobre aspectos gerais da língua inglesa, dentro de uma perspectiva sociointeracional e cultural, e sobre o papel da aprendizagem da língua inglesa na formação em temas relevantes para o estudante e profissional da área de Letras. Tal unidade servirá como preparação dos alunos para o trabalho com contextos de uso e gêneros, a ser realizado nos demais semestres do curso de Língua Inglesa, e para fomentar uma postura crítica e reflexiva acerca do seu processo de aprendizagem e aquisição. Caberá ao docente responsável pelo curso decidir como tal fomento será operacionalizado. Serão abordados temas como o significado de língua e linguagem; as relações entre língua, história, pensamento e cultura; o papel da aprendizagem de uma língua estrangeira e, mais especificamente do inglês, na formação em Letras; a história da língua inglesa e sua posição no mundo atual; documentos e manifestações culturais representativos expressos na língua inglesa. Durante o semestre, o aluno refletirá sobre questões de ensino e aprendizagem e aquisição de um idioma composto por tantas variedades linguísticas, bem como o impacto e motivos de se ensinar uma língua “global”. Haverá ênfase em leitura de textos e as estratégias de desenvolvimento dessa habilidade serão amplamente discutidas e analisadas. Na seleção de temas discutidos, serão obrigatoriamente contemplados também aqueles que atendem à Resolução CNE/CP nº 1 de 30 de maio de 2012, à Lei n. 10.639/2003, à Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004 e à Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ANDERSON, C. **Phillipsons's Children**. In: **Language and Intercultural communication**. Vol.3, no.1, p. 81 – 95, 2003.
- GOLDSTEIN, Ben. **Framework Pre-Intermediate Level 2** (Student's Book and Workbook). London: Richmond Publishing, 2005.
- MURPHY, R. **Essential Grammar in Use**. Cambridge: C.U.P, 1990.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- LARSEN-FREEMAN, D. (Ed.) **Grammar Dimensions: form, meaning, and use** (Series). Boston, MA: Heinle & Heinle, 2000. Cobuild English Dictionary. London: Collins Publishers. The Advanced Learner's Dictionary of Current English. Oxford: O.U.P. Materiais didáticos variados elaborados pelo professor.
- JONES, C.; GOLDSTEIN, B. **Framework Elementary Level 1**. London: Richmond Publishing, 2005.
- ROBERTS, R. Discover **Elementary English Grammar**. MFP Publications, 1997. Dimensions: form, meaning, and use (Series). Boston, MA: Heinle & Heinle, 2000.

PRÁTICA DE ENSINO DE LITERATURA PORTUGUESA E NOÇÕES DE MODERNIDADE

EMENTA: A questão coimbrã. Antero de Quental. Eça de Queiroz. Cesário Verde. Simbolismo. Geração de Orpheu. Modernismo. Fernando Pessoa. Mario de Sá-Carneiro e Almada Negreiros. Análise do conceito de modernidade literária. Tradição e ruptura na produção literária. Discussão do processo de formação das vanguardas históricas a partir das noções de transformação e permanência. Problematização dos conceitos de movimento, regionalismos e universalismos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BERARDINELLI, C. **Estudos de Literatura Portuguesa**. Lisboa: IN/CM, 1985.
- CUNHA, A. G. **Índice Analítico de Os Lusíadas**. Rio: INL/MEC, 1966, 3 vols.
- DAVID, Sérgio Nazar. O século de Silvestre da Silva – **Estudos queirosianos**. Rio de Janeiro: Letras, 2007.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, Cortez, 1994.

LOURENÇO, Eduardo. **Mitologia da Saudade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
 MELO e Castro E. M. **Literatura Portuguesa de Invenção**. S. Paulo: Difel, 1984.
 MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa**. SP: Cultrix. Várias edições. SARAIVA, António José. **Iniciação à Literatura Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
 PASSOS, Ilma. **Repensando a Didática**. Campinas: Papirus. 1992

PERRENOUD, P. (1993) **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação: perspectivas sociológicas**. Lisboa: Dom Quixote, 201p
 Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa / Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008.
 SARAIVA, A. J. e LOPES, O. **História da Literatura Portuguesa**. Porto: Porto ed., s/d.
 _____. **História da Literatura Portuguesa**. Porto, Porto ed., 1982. SARAIVA, A. J. Luís de Camões. Lisboa, Europa-América, s/d. SENA, Jorge de. **A estrutura d'Os Lusíadas e outros estudos camonianos e de poesia peninsular do século XVI**. Lisboa, Portugal, 1969
 São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. – 2. ed. – São Paulo: SE, 2011. 260 p.**

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ABDALA JÚNIOR, B.; PASCHOALIN, M. A. **História social da literatura portuguesa** 2ed. São Paulo: Ática, 1985.
 ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
 GARCIA, Othon M. **Comunicação em Prosa Moderna: Aprendendo a Escrever, Aprendendo a Pensar**. SP: FGV, 1988. 14ª edição.
 MENDONÇA, F. **A literatura portuguesa no século XX**. São Paulo: Cultrix, 1981.
 SARAIVA, A. J.; LOPES, Ó. **História da literatura portuguesa**. 15ed. Porto: Porto Ed., 1989.
 MOISES, C. F. **O desconcerto do mundo – do renascimento ao surrealismo**. São Paulo. Escrituras, 2001.

4º SEMESTRE

INTRODUÇÃO À LÍNGUAGEM BRASILEIRA DE SINAIS

EMENTA: A educação inclusiva no contexto socioeconômico e político brasileiro. Abrangência e pressupostos legais da educação inclusiva e identidade. A inclusão dos surdos nos aspectos: biológicos, pedagógicos e psicossociais e suas implicações. Fundamentos históricos, socioculturais, definições referentes à Língua de Sinais e conceitos sobre língua e linguagem. Legislação. Processo de aquisição da Língua de Sinais, observando as diferenças e similaridades existentes entre esta e a Língua Portuguesa. Os aspectos linguísticos na Língua Brasileira de Sinais. Noções básicas de Libras. Orientações didáticas e pedagógicas sobre o ensino de Libras.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

CANDAUI, V. M. F. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, p. 45-56, 2008.
 CAPOVILLA, FC; RAPHAEL, W. D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. 3. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. (Volumes I, II e III).
 FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. **Libras em contexto: (livro do professor)**. 7. ed. Rio de Janeiro: WallPrint, 2008.
 GLAT, R.; PLETSCH, M. D. **Inclusão escolar de alunos com necessidades especiais**. 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.
 GOES, M. C. R.; LAPLANE, A. L. F. **Políticas e Práticas de Educação Inclusiva**. Campinas: Autores Associados, 2007.
 HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. **Livro ilustrado de Língua de Sinais: desvendando a comunicação usada por pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.
 LILO-MARTIN, D. Estudos de aquisição de línguas de sinais: passado, presente e futuro. In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. (Org.). **Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais**. Petrópolis: ED. Arara Azul, 2008, p. 199-218.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. *Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: ARTMED, 2004. v.1.
SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FERREIRA, L. **Por uma gramática de Língua dos Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

_____. **Integração Social e Educação de Surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

KARNOPP e QUADROS. **Língua de Sinais Brasileira**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

QUADROS, R. Müller de. **O Tradutor e Interpretador de Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: MEC, 2004.

COLL, C.: MARCHESI, A; PALACIOS, J. (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004, v. 3.

AVALIAÇÃO DE ENSINO E RECUPERAÇÃO DE APRENDIZAGEM

EMENTA: As relações pedagógicas no espaço escolar e o processo de ensino na escola. Fracasso, sucesso, permanência, longevidade e evasão escolar. Conhecimento sobre a construção e elaboração de procedimentos e instrumentos de avaliação. Mecanismos escolares: de recuperação e progressão continuada. Os significados da avaliação no ensinar e no aprender: avaliação formativa, formal, informal e continuada.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARCAS, P. **Avaliação da aprendizagem no regime de progressão continuada: o que dizem os alunos**. São Paulo: 2003.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2005, 128p.

CUNHA, M. I. (org.). **Formatos avaliativos e concepção da docência**. São Paulo: Autores Associados, 2005.

FREIRE, Madalena (coord.) **Avaliação e Planejamento, a prática educativa em questão, 2009**.

HOFFMAN, J. M. L. **Avaliação para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2010.

PERRENOUD, P. **Avaliação - da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

_____. **Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RABELO, E H. **Avaliação. Novos Tempos, Novas Práticas**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação da Aprendizagem: Práticas de Mudança - por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALARCÃO, I. **Professores Reflexivos em uma escola reflexiva**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CENPEC. **O diagnóstico educacional: uma direção para a ação educativa**. Suplemento Melhoria da educação no município, v. 2. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2003.

WERLE, F. O. Corrêa (org.). **Avaliação em larga escala: foco na escola**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Líber Livros, 2010.

LINGÜÍSTICA APLICADA AO ENSINO DE LÍNGUA MATERNA

EMENTA: Teorias de Linguística Aplicada que subsidiam o processo de ensino e aprendizagem de língua materna, na formação dos profissionais de Letras (Resolução nº 181/2005 - CEP).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ALMEIDA FILHO, J. C. P. *Linguística Aplicada, aplicação de Linguística e ensino de línguas*. Seminário Integrado de Ensino de Línguas e Literatura. *Anais...* Porto Alegre: Yázigi, 1987

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 4. Ed. São Paulo, Hucitec, 1988
- BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BOHN, I.; VANDRESEN P. (orgs.) *Tópicos de Linguística Aplicada*. Florianópolis: UFSC, 1988.
- BRASIL. S. E. F. *Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- BRASIL. S. E. F. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: língua portuguesa*. Brasília: Secretaria de Educação Fundamental, 1997.
- CARVAJAL, F.P.; RAMOS. J.G. *Ensinar ou aprender a ler e a escrever?*. Porto Alegre: Artmed. 2001.
- CAVALCANTI. M. C. *A propósito de Linguística Aplicada*. *Trabalhos em Linguística Aplicada*, Campinas, 7: 5-12, 1986.
- CELANI. M. A. A. *Afinal, o que é Linguística Aplicada?* In: PASCHOAL, M. S. Z. ; CELANI M. A. A. (orgs.) *Linguística Aplicada: da aplicação da Linguística à linguística transdisciplinar*. São Paulo: Educ. 1992, p. 15-23.
- CHIAPPINI, L. *Aprender e ensinar com textos de alunos*. V. I. São Paulo: Cortez, 1997. p. 99-117.
- COLOMER. T.; CAMPS, A. *Ensinar a ler, ensinar a compreender*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- COOK-GUMPERZ, J. (org.). *A construção social da alfabetização*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- CORRÊA, M. L. G. *Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português*. In: SIGNORINI, I. (org.) *Investigando a relação oral/escrito e as teorias do letramento*. Campinas/SP: Mercado de Letras. 2001.
- DELL'ISOLA. R. L. P. *A interação sujeito-linguagem em leitura*. Jn: MAGALHÃES. I. (org.). *As múltiplas faces da linguagem*. Brasília: UNB. 1996. 69-75.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- KATO, M. A *No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*. São Paulo: Ática, 1986.
- KLEIMAN, A *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. Campinas: Pontes, 1989.
- KLEIMAN, A. *Oficina de leitura: teoria e prática*. Campinas: Pontes/Ed. Unicamp, 1993.
- KLEIMAN, A. (org.) *Os significados do letramento*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1995.
- LEFFA, V. J. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Sagra/Luzzato, 1996.
- MARCUSCHI, L. A. *Compreensão de texto: algumas reflexões*. In: DIONÍSIO, A. P.; BEZERRA, M. A (orgs.). *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001. p. 46-59.
- MENEGASSI, R. J. *Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções básicas ao professor*. *Revista Unimar*, Maringá, 17(1):85-94, 1995.
- NEVES, M. H. M. *Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa*. São Paulo: Contexto, 2003.
- POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. Campinas: ALB : Mercado de Letras, 1996.
- ROJO, R. (org.) *Alfabetização e Letramento: perspectivas linguísticas*. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1998.
- SERAFINI, M. T. *Como escrever textos*. 5. ed. São Paulo : Globo, 1992.
- SMITH, F. *Compreendendo a leitura: uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler*. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- SOARES, M. *Letramento: um tema em três gêneros*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001
- TEBEROSKY, A. *Aprendendo a escrever: perspectivas psicológicas e implicações educacionais*. São Paulo : Ática, 1994.
- TERZI, S. B. *A construção da leitura: uma experiência com crianças de meios iletrados*. Campinas/SP: Pontes, 1995.
- TRAVAGLIA, L. C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 2o grau*. São Paulo: Cortez, 1996.
- WHITTE, R. V.; ARNDT, V. *Process writing*. London: Longman, 1995

LITERATURA INFANTIL E JUVENIL BRASILEIRA

EMENTA: Produzir textos analítico-interpretativos da literatura brasileira voltados para a infância e juventude, de diversos gêneros, dentro dos padrões mínimos de exigência do discurso científico, propiciando uma reflexão teórico-crítica sobre a literatura infantil e juvenil brasileira e a formação do professor de ensino fundamental.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CADEMARTORI, Lígia; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil; autoritarismo e emancipação** São Paulo: Atica. 192.
- COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil, História, teoria, análise: das origens orientais ao Brasil de hoje**. São Paulo: eúron, 1991.
- EVANGELISTA, Aracy Alves Martins et alii (Orgs) **A Escolarização da Leitura Literária: O Jogo do Livro Infantil e Juvenil**. 2a. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- LAJOLO, MT-ti; ZILBERMAN, Regina, **Literatura infantil brasileira: história& histórias**. São Paulo: Ática. 1984.
- PERROTTI, Edmir. **O texto sedutor na literatura infantil**. São Paulo: Ícone, 1986.
- VASCONCELLOS, Zinda Maria **Carvalho de. O universo ideológico da obra infantil de Monteiro Lobato**. Santos: Trago Editora, 1992.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ZILBERMAN, Regina A. **Literatura infantil a escola**. ed. São Paulo: Global, 2003.
- _____, Regina. **Como e por que ler a Literatura Infantil Brasileira**. Rio de Janeiro: 2005.

PRÁTICA DE ENSINO DE LÍNGUA INGLESA

EMENTA: Estudo das teorias de ensino-aprendizagem e de linguagem que subjazem os métodos e abordagens de ensino de língua inglesa adotados no sistema educacional brasileiro, bem como o estudo de tais métodos e abordagens, em diálogo com reflexões críticas acerca das escolhas que podem ser feitas em cada situação. Na seleção de temas discutidos, serão obrigatoriamente contemplados também aqueles que atendem à Resolução CNE/CP nº 1 de 30 de maio de 2012, à Lei n. 10.639/2003, à Resolução CNE/CP nº 1, de 17 de junho de 2004 e à Resolução CNE/CP nº 2, de 15 de junho de 2012.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BRASIL, MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e Quarto Ciclo do Ensino Fundamental: Língua Estrangeira**. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- LIGHTBOWN, P. M. & SPADA, N. **How Languages Are Learned**. Oxford: Oxford University Press, 2006 [1993].
- Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa / Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008.

RICHARDS, J. C. & RENANDYA, W. A. **Methodology in Language Teaching: An Anthology of Current Practice**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. – 2. ed. – São Paulo: SE, 2011. 260 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BROWN, H. D. **Teaching by Principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy**. London: Pearson Longman, 2007.
- BROWN, H. D. **Principles of Language Learning and Teaching**. London: Pearson Longman, 2007.
- HARMER, J. **The Practice of English Language Teaching**. London: Pearson Longman, 2007.
- KUMARAVADIVELU, B. **Beyond Methods: Macrostrategies for Language Teaching**. New Haven & London: Yale University Press. 2003
- WILLIAM, M & BURDEN, R. **Psychology for Language Teachers**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

5º SEMESTRE**AValiação: Instrumentos e Indicadores**

EMENTA: Conceitos de avaliação de políticas e programas na educação. As dimensões da avaliação. Avaliação de desempenho: novos paradigmas; Histórico da Avaliação e indicadores dos organismos nacionais e internacionais. Implementação de políticas públicas, métodos, modelos e técnicas usuais na pesquisa avaliativa, indicadores - conceitos básicos. Avaliação de desempenho e indicadores (PISA, IDEB, IDESP, SAEB, SARESP, ENEM). Análise, interpretação dos indicadores e informações contidas nas avaliações externas e desempenho escolar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BITTAR, H. A. de F. et al. **O sistema de Avaliação de rendimento Escolar do Estado de São Paulo: implantação e continuidade.** Ideias, São Paulo: FDE, n. 30, 1998.
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Prova Brasil 2013 – **Avaliação do rendimento escolar: questionário do professor.** Acesso em: 6 mai. 2015
- BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sistema de avaliação da educação básica SAEB 2013: Questionário do aluno.** Acesso em: 6 mai. 2015.
- DIAS SOBRINHO, J.; BALZAN, N. C. (Org). **Avaliação institucional: teoria e experiências.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
- ENADE: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/enade>
- ENEM: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/enem>
- IDEB: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/ideb>
- IDESP: http://idesp.edunet.sp.gov.br/o_que_e.asp
- PROVINHA BRASIL: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/provinha-brasil>
- Resolução SE nº 27, de 29 de março de 1996.** Dispõe sobre o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
- Resolução SE nº 41, de 31-07-2014.** Dispõe sobre a realização das provas de avaliação relativas ao Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – SARESP/2014.
- Resolução SE - 74, de 6-11-2008.** Institui o Programa de Qualidade da Escola – PQE - Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo – IDESP.
- SAEB: <http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- Inep-MEC (coordenadores). **Indicadores da qualidade na educação / Ação Educativa, Unicef, PNUD.** – São Paulo: Ação Educativa, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_indqua.pdf.
- FREITAS G., MARCELO. **Avaliação Institucional... Para que serve, mesmo?** Revista de Gestão Educacional. Ed.57, ano V, fevereiro de 2010.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2008. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).** Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/Site/>>
- MEC - **Portaria nº 931, de 21 de Março de 2005** - Institui o Sistema de Avaliação da Educação Básica, composto pela Prova Brasil (Anresc) e pelo Saeb (Aneb).
- PRADO, C. et al. **Avaliação do Rendimento Escolar.** São Paulo: Papyrus, 1996.

POLÍTICAS PÚBLICAS E LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL

- 1- **EMENTA:** *Reflexão sobre a organização da escola frente às necessidades atuais da sociedade brasileira. A normatização da educação no Brasil contemporâneo. Estudo da relação entre Educação, Estado e Sociedade a partir da abertura política e da Constituição Federativa do Brasil de 1988. Conhecimento dos princípios e objetivos educacionais determinados pela Constituição Brasileira de 1988. Análise da LDBEN n. 9.394/1996, suas atualizações e do Plano Nacional de Educação - PNE. Organização do ensino brasileiro de acordo com a legislação em vigor. Análise dos princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Compreensão das regulamentações emanadas pelo Conselho Nacional de Educação - CNE e Conselhos Estaduais de Educação - CEE.*

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ABREU, M. **Organização da Educação Nacional na Constituição e na LDB.** Ijuí: RGS, 1998.
- ALVES, Nilda; VILLARDI, Raquel (orgs). **Múltiplas leituras da nova LDB.** Rio de Janeiro:

Qualitymark/Dunya, 1997.

BIANCHETTI, R. G. **Modelo neoliberal e políticas educacionais**. São Paulo: Cortez, 1996.

CECCON, C. (org.) **Construindo o Futuro: Ação e Articulação pelo Estatuto da Criança e do Adolescente**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

HADDAD, F. O. **Plano de desenvolvimento da educação: razões, princípios e programas**. Brasília: MEC/INEP, 2008.

LIBÂNEO, J.C.; OLIVEIRA, J.F. E TOSCHI, M.S. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MENESES, J.G. (org.) **Estrutura e Funcionamento da Educação Básica: leitura**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1998.

Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de Fevereiro de 2002 – Disponível em: www.portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf.

SAVIANI, D. **A nova Lei da Educação – LDB – trajetórias, limites e perspectivas**. São Paulo: Autores Associados, 1999.

_____. **O Plano de Desenvolvimento da Educação: análise do projeto de MEC**. Educação & Sociedade. v. XXVIII, nº100, out./2007. p. 1231-1255.

_____. **Sistema Nacional de Educação: desafio para uma educação igualitária e federativa**. Educação & Sociedade. v. XXIX, nº 105, set./dez. 2008. p.1187-1209.

SAVIANI, D. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN) - Ciências da Natureza e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2002.

_____. Lei nº. 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.

_____. Lei nº. 10.172/01 – **Plano Nacional de Educação**. Disponível em: www.planalto.gov.br.

_____. Lei nº 8069/90 - **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: www.planalto.gov.br.

OLIVEIRA, João Ferreira de. **A educação básica e o PNE/2011-2020**. Revista Retratos da Escola. Brasília, v. 4, n.6, p.123-141, jan./jun. 2010

Resolução CNE/CP – 1 de 15/05/2006. Disponível em: www.portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf.

RIZZINI, I. **A Criança e a Lei no Brasil**. Brasília: Unicef, 2000.

SAVIANI, D. **Da nova LDB ao FUNDEB: por uma outra política educacional**. Campinas: Autores Associados, 2007.

INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO TEXTUAL

EMENTA: **Prática de leitura, interpretação e de produção de textos de diversos gêneros. Noções fundamentais sobre estrutura e conteúdo: coesão, coerência, clareza, informatividade e adequação. Revisão e reescrita orientada dos textos produzidos.**

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

KOCH, Ingedore Villaça e ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. São Paulo: contexto, 2006.

KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; MARINELLO, A. F. **Leitura e produção textual**. Petrópolis: Vozes, 2010.

KÖCHE, V. S.; BOFF, O. M. B.; PAVANI, C. F. **Prática textual**. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva et al. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucena, 2005.

CARNEIRO, Agostinho D. **Texto em construção: interpretação de texto**. São Paulo: Moderna, 1992.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FÁVERO, Leonor L. **Coesão e coerência textuais**. São Paulo: Ática, 1991.

CUNHA, Celso e CINTRA. **Nova gramática do português contemporâneo**. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. 7 ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2007.

PLATÃO & FIORIN. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 1992.

CONVERSAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA

EMENTA: Conversação em língua inglesa. Ênfase no uso, fluência e inteligibilidade em diferentes situações do cotidiano.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BILBROUGH, N. *Dialogue Activities: Exploring Spoken Interaction in the Language Class.*; Cambridge Handbooks for Language Teachers: Cambridge University Press, 2007.
 KEHE, D.; KEHE, P. D. *Conversation Strategies: Pair and Group Activities for Developing Communicative Competence*; Pro Lingua Associates: 2 Edition, 2004.
 WAJNRYB, R. *Stories: Narrative Activities for the Language Classroom*; Cambridge Handbooks for Language Teachers: Cambridge University Press, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BROWN, H. D. *Principles of language learning and teaching*. 3 ed. Englewood Cliffs: Prentice Hall Regents, 1994. 347 p.
 GOWER, R.; PHILLIPES, D.; WALTERS, S. *Teaching practice handbook*. Oxford: Heinemann, 1995. 215 p.
 LITTLEWOOD, W. *Communicative language teaching*. Londres: Cambridge University Press, 1995. 108 p.

PRÁTICA DE ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

EMENTA: Discussão da produção de textos no Ensino Básico (EB) público, tanto com relação a aspectos gramaticais da norma escrita formal quanto a aspectos textuais discursivos, em razão da necessidade de expansão e consolidação da democratização desta fase de escolarização no país. Tem por objetivo preparar os/as estudantes de Letras para atuação como docentes de Língua Portuguesa no Ensino Básico público, com destaque para gramática e leitura e produção textual, preparação e condução de aulas de ensino de gramática e de leitura e produção de textos: como e porquê ensinar gramática na escola; como propor temas de produção textual; quais critérios de correção gramatical e textual adotar, como elaborá-los; como corrigir uma produção de texto; como trabalhar a reescrita dos textos pelo estudante do Ensino Básico com vistas a aperfeiçoar sua reflexão metalingüística e metatextual.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BUNZEN, Clecio; MENDONÇA, Márcia (Orgs). *Português no ensino médio e formação do professor*. São Paulo, Parábola: 2006.
 NEVES, Maria Helena de Moura. *Que gramática estudar na escola?* Norma e uso na Língua Portuguesa. São Paulo: Contexto, 2003.
 Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa / Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008.

São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira. – 2. ed. – São Paulo: SE, 2011. 260 p.

2-

3- VIEIRA, Sílvia Rodrigues, BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. Tradução Sérgio Miceliet alii. São Paulo: Edusp, 1996.
 FRANCHI, Carlos, NEGRÃO, Esmeralda Vailati, MULLER, Ana Lúcia. *Mas o que é mesmo "Gramática"?*. Sírio Possenti (org.). São Paulo: Parábola Editorial, 2006
 GARCIA, Othon Moacir. *Comunicação em prosa moderna*. São Paulo, FGV Editora, 2010. 27ª edição
 KOCH, Ingedore. *As tramas do texto*. São Paulo; Contexto, 2014..
 THEREZO, Graciema Pires. *Como corrigir redação*. Campinas, Alínea Editora: 2012.

6º SEMESTRE

DIRETRIZES CURRICULARES: FUNDAMENTOS E PRÁTICAS

EMENTA: Concepções de currículo e sua evolução; conhecimento e análise das Diretrizes Curriculares e currículos nacionais e estaduais. As tendências e questões atuais do currículo em diferentes níveis e contextos e perspectivas no campo do currículo. As etapas e modalidades, contemplando o conceito de Educação Básica, princípios de organicidade, sequencialidade e articulação, relação entre as etapas e modalidades: articulação, integração e transição. Problemas e divergências no campo do currículo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FERNANDES, C. de Oliveira; FREITAS, L. C. de. **Indagações sobre currículo: currículo e avaliação**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 1998.
 HERNADEZ, F.; VENTURA, M. **A organização do currículo por projeto de trabalho**. Porto Alegre: ARTMED. 2007.
 MOREIRA, A. F. B. **Currículos e programas no Brasil**. Campinas: Papyrus, 2004.
 PEDRA, J. A. **Currículo, Conhecimento e suas Representações**. 3. ed. Campinas: Papyrus, 1999.
 SAVIANI, N. **Saber Escolar, Currículo e Didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.
 SILVA, T. T. & MOREIRA, F. (Org.) **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 1994.
 SANTOS. L.L.C.P. **O currículo como campo de luta**. Presença Pedagógica, 2 (7), p. 32-39, jan./fev. 1996.
 CNE. Resolução nº 2, de 02 de abril de 1998: **Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**.
 SEE – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino: Língua Portuguesa**

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ESTEBAN, M. T. **Escola, Currículo e Avaliação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
 HERNÁNDEZ, Fernando. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
 LIMA, E. S. **Indagações sobre currículo: currículo e desenvolvimento humano**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

METODOLOGIA DO ENSINO E APRENDIZAGEM EM LÍNGUA PORTUGUESA

EMENTA: A prática educativa reflexiva em artes visuais e suas relações com as diversas formas de cultura. Análise de conteúdos e abordagens metodológicas. Planejamento, execução e avaliação de conteúdos voltados para a sala de aula, cursos, oficinas e projetos. Dimensões e implicações desta prática de ensino no contexto da arte visual contemporânea.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

FIORIN, J. L. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2006.
 LIBÂNIO, José Carlos; Freitas Raquel A. M. da M. **Vygotsky, Leontiev, Davydov três aportes teóricos para a teoria histórico-cultural e suas contribuições para a didática**. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe4/individuais-coautorais/eixo03/Jose20Carlos%20Libanio%20e%20Raquel%20A.%20M.%20da%20M.%20Freitas%20-%20Texto.pdf>>.
 MARTINS, Ivanda. **A literatura no Ensino Médio: quais os desafios do professor?** In: BUNZEN, Clécio; MENDONÇA, Márcia (Org.). **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
Metodologia do ensino de língua portuguesa e literatura / Nilcéa Lemos Pelandré ...[et al.]. - Florianópolis : LLV/CCE/UFSC, 2011.194 p. : il.
Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa / Coord. Maria Inês Fini. – São Paulo: SEE, 2008.
 São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. **Currículo do Estado de São Paulo: Linguagens, códigos e suas tecnologias / Secretaria da Educação; coordenação geral, Maria Inês Fini; coordenação de área, Alice Vieira**. – 2. ed. – São Paulo: SE, 2011. 260 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

HERNANDEZ, F.; VENTURA, M. **Organizando o currículo por projetos de trabalho**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.
 MARTINS, Miriam Celeste; GUERRA, M. Terezinha Telles; PICOSQUE, Gisa. **Didática do Ensino de Arte: a língua do mundo**. São Paulo: FTD, 1998.
 ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Barcelona: Henri Laurens, 1998.

SINTAXE: ESTUDO DA LINGUAGEM

EMENTA: Estudar a produção de sentido e as várias possibilidades expressivas, privilegiando aspectos semânticos e estilísticos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- KATO, Mary & NASCIMENTO, Milton do (Org.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. Vol. III. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.
- ILARI, Rodolfo; GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 10.ed. São Paulo: Ática, 2006. (Série Princípios).
- LAPA, M. R. *Estilística da língua portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- LYONS, H. *Semântica: uma introdução à ciência do significado*. São Paulo: Martins Fontes, 1980.
- MIOTO, Carlos; FIGUEIREDO SILVA, Maria Cristina & LOPES, Ruth Vasconcellos. *Novo manual de sintaxe*. São Paulo: Contexto. 2013.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BARROS, D. L. P. de. *Teoria semiótica do texto*. 4.ed. São Paulo: Ática, 2001.
- CAMARA JR., J. Mattoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.
- FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 10.ed. São Paulo: Contexto, 2001. (Repensando a Língua Portuguesa).
- LOPES, I. C. ; HERNANDES, N. (Orgs.). *Semiótica: objetos e práticas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- SILVA, M. *O novo acordo ortográfico da língua portuguesa: o que muda, o que não muda*. São Paulo: Contexto, 2008.

PRÁTICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

EMENTA: Elementos de transposição didática relacionados ao ensino da leitura, da produção textual e da análise linguística, analisados em situações-problema no ensino-aprendizagem de língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 3 ed., São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa* / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília : MEC/SEF, 1998b.
- BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais* / Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1998a.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 15a. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- GERALDI, J.W. *Portos de passagem*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- KLEIMAN, A. B. (Org.) *A formação do professor: perspectivas da linguística aplicada*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.
- NEVES, M.H. *Que gramática estudar na escola?* 2.ed. São Paulo: contexto, 2004.
- NÓVOA, A. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, A. *Os professores e a sua formação*. 3a. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1997. pp. 15-33.
- NUNES, R.H. *et al.* Os PCNS: uma experiência de formação de professores no ensino fundamental. IN: ROJO, R. (org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo : EDUC, p. 93-126, 2000.
- ORLANDI, Eni P. *Discurso e leitura*. São Paulo: Cortez Editora, 1998.
- PERRENOUD, P. *A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*9 Campinas: ALB: Mercado de Letras, 1996.

TRAVAGLIA, L.C. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º. e 2º. Graus.* 2.ed. São Paulo: Cortez, 1997.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BELINTANE, C. O poder de fogo da relação educativa na mira de novos e velhos prometeus. Cadernos Cedes, ano XIX, n. 47, dezembro/1998. pp. 20-35.
- BRASIL. Lei n.º 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. *Legislação federal e marginália*. São Paulo : Editora Lex, 1996. p. 3719-3739.
- BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica. *Parâmetros curriculares nacionais: ensino médio*. Brasília: Ministério da Educação, 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. *Parecer CNE/CES 492/2001 -Diretrizes curriculares para os cursos de Letras*. Brasília, 2001. p. 29-31. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/cne/pdf/CES0492.pdf>> Acesso em: 13 de outubro de 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CP I, de 18 de Fevereiro de 2002. Institui *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica, em nível superior, curso de licenciatura, de graduação plena*. <<http://www.mec.gov.br/cne/pdf/CP012002.pdf>>. Acesso em: 13 de outubro de 2003.
- CANDAUI, V.M. (org.). *Sociedade, educação e cultura(s): questões e propostas*. Petrópolis: Vozes, 2002.
- CHIAPPINI, Lúgia (Coord.). *Aprender e ensinar com textos de aluno*, v. I. São Paulo: Cortez, 1997.
- DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A.. (Org.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed., Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- ROJO, R.H.R. *Modos de transposição dos PCNs às práticas de sala de aula: progressão curricular e projetos*. In: _____. R.H.R. (Org.) *A prática da linguagem em sala de aula -Praticando os PCNs*. Campinas: SP- Mercado de Letras/EDUC, 2001, p. 27-40.
- ZEICHNER. K.M. *A formação reflexiva de professores: ideias e práticas*. Lisboa: Educa, 1993.

7º SEMESTRE

GESTÃO, PLANEJAMENTO E PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

EMENTA: Referências legais para a gestão democrática da escola; gestão pedagógica da escola: princípios e desafios; gestão democrática e o movimento de construção e planejamento do projeto político-pedagógico. Identificação dos princípios da gestão democrática e os diferentes mecanismos e processos de participação social na gestão da unidade escolar enfatizando o papel do pedagogo enquanto professor/gestor e professor/coordenador.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ABRANCHES, Mônica. **Colegiado Escolar:** espaço de participação da comunidade. São Paulo: Cortez, 2003.
- BARREIRA, M. C. R. N.; CARVALHO, M. do C. B. **Tendências e perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais**. São Paulo: IEE/PUC-SP, p. 101-126; 2001.
- BRASIL. **Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares: conselhos escolares** : uma estratégia de gestão democrática da educação pública. Brasília: MEC, SEB, 2004.
- CENPEC. **Diagnóstico e plano de ação educativa: uma proposta de trabalho coletivo**. Suplemento Melhoria da Educação no Município. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2003.
- COTRIM, G. **Educação para uma Escola Democrática**. São Paulo: Saraiva, 1991.
- DAGNINO, Evelina. **Sociedade Civil, Participação e Cidadania: de que estamos falando?** In: MATO, Daniel (Coord). *Políticas de Ciudadania y Sociedad Civil en Tiempos de Globalización*. Caracas: Faces, Universidad Central de Venezuela, 2004.
- FERREIRA, N.S.C. (org.) **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios**. São Paulo: Cortez, 2001.
- GADOTTI, M. **Pressupostos do projeto político-pedagógico**. In: O projeto político pedagógico da escola. Brasília, MEC/SEF, 1994, p. 21-38.
- OLIVEIRA, D. A. (org.). **Gestão Democrática da educação – desafios contemporâneos**. Petrópolis: Vozes, 2001.
- PADILHA, P. R. **Planejamento dialógico: como construir o Projeto Político-pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez, 2001.
- PARO, V. H. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 2003.

_____. **Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2007.

PATEMAN, Carol e. **Participação e Teoria Democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TATAGIBA, Luciana. **Os Conselhos Gestores e a Democratização das Políticas Públicas no Brasil**. In: DAGNINO, E.; OLVERA, J.; PANFICHI, Aldo (Orgs). **A Disputa pela construção Democrática na América Latina**. São Paulo: Paz e Terra, Campinas/São Paulo: Unicamp, 2006

VASCONCELLOS, C. dos S. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. 14. ed. São Paulo: Libertad, 2009.

_____. **Planejamento: Plano de Ensino-Aprendizagem e projeto educativo**. São Paulo: Libertad, 1995.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

VIEIRA, T. et al. **Gestão Educacional e Tecnologia**. São Paulo: Avercamp, 2003.

BRASIL/MEC. Lei 10172 de 9 de Janeiro de 2001. **Plano Nacional de Educação**. Brasília, 2001. <http://portal.mec.gov.br>.

BRASIL. Resolução nº 2, de 02 de abril de 1998: Institui as **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**.

CENPEC. **O diagnóstico educacional: uma direção para a ação educativa**. Suplemento Melhoria da educação no município, v. 2. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2003.

COMPREENSÃO E PRODUÇÃO ORAL: LÍNGUA INGLESA

EMENTA: Desenvolvimento das habilidades de compreensão, recepção e de produção oral, considerando uma concepção de linguagem como forma de interação, criando oportunidades para um engajamento em comunicação interativa, além de atividades práticas de ensino aprendizagem.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

EASTWOOD, John. **Oxford Practice Grammar: Intermediate**. Oxford: OUP, 2006.

SOARS, John; SOARS, Liz. **New Headway English Course: Pre-intermediate**. Oxford: OUP, 2003. (Student's book and Workbook)

OXFORD: **Dicionário escolar para estudantes brasileiros de inglês**. Oxford: OUP, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ACKERT, P. **Cause and effect: intermediate reading practice**. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 1999.

GREENALL, S; PYE, D. **Cambridge skills for fluency: reading 1**. Cambridge: CUP, 1991.

GULEFF, V. L.; SOKOLIK, M.E.; LOWTHERT, C. **Tapestry: reading 1**. Boston: Heinle & Heinle Publishers, 2000.

LITTLEJOHN, A. **Cambridge skills for fluency: writing 1**. Cambridge: CUP, 1991.

KARWOSKI, A.M.; GAYDECZK, B.; BRITO, K.S. (Orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória: Kaygangue, 2005.

MACHADO, A.R.; LOUSADA, E.; ABREU-TARDELLI, L.S. **Planejar gêneros acadêmicos: leitura e produção de textos técnicos e acadêmicos**; 3. São Paulo: Parábola, 2005.

RICHARDS, J. C.; ECKSTUT-DIDIER, S. **Strategic reading: building effective reading skills**. Cambridge: CUP, 2003.

SMITH, L.C.; MARE, N.N. **Themes for today**. Boston: Thompson & Heinle, 2004.

SOUZA, A.G.F.; ABSY, C.A.; COSTA, G.C.; MELLO, L.F. **Leitura em língua inglesa: uma abordagem instrumental**. São Paulo: Disal, 2005.

UR, Penny. **A course in language teaching practice and theory**. Cambridge: CUP, 1996.

ANÁLISE E REVISÃO TEXTUAL

EMENTA Estudo de gramática da frase e do texto, focalizando as regras e nomenclaturas gramaticais como subsídios para a produção escrita e revisão textual: noções gerais de sintaxe e pontuação, processos de coordenação e subordinação; regras gerais de concordância e de regência. Revisão de conteúdos gramaticais sem um enfoque puramente normativo e com vistas na dimensão semântica da língua.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- AZEREDO, José Carlos de. **Fundamentos de gramática do português**. 5 edição revista. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FIORIN, J.L.; SAVIOLI, F.L. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, 2007.
- GARCIA, Othon M. **Comunicação em prosa moderna**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.
- GARCEZ, L H. C. **Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever**. Martins Fontes, 2004.
- MARINHO, J.H.C.; SARAIVA, M.E.F. **Estudos da Língua em Uso: Da Gramática ao Texto**. Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- MARTINS, D.S.; ZILBERKNOP, L.S. **Português Instrumental**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 2008.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso da língua portuguesa**. São Paulo: Contexto, 2003.
- POSSENTI, Sírio (org.). **Mas o que é mesmo "gramática"?**. São Paulo: Parábola, 2006.
- VIEIRA. S.R e BRANDÃO, S. (org.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ABAURRE, Maria Bernadete M.; ABAURRE, Maria Luiza M. **Produção de texto: Interlocução e gêneros**. São Paulo: Moderna, 2010.
- ABREU, Antônio Suárez. **A arte de argumentar**. 13. ed., Cotia, São Paulo: Ateliê, 2013.
- BERNARDO, Gustavo. **Redação Inquieta**.
- BRAIT, Beth & ROJO, Roxane. **Artimanhas do texto e do discurso**. São Paulo: escolas associadas, 2010.
- ILARI, Rodolfo. **Introdução à Semântica**. 6. ed., São Paulo: Contexto, 2006.

METODOLOGIA DO TRABALHO CIENTÍFICO

EMENTA: Produção metodológica da pesquisa científica. Sua aplicação no campo de Letras no ensino fundamental e médio. Elaboração, planejamento e desenvolvimento do projeto de conclusão de curso. Normatizações e coleta de dados iniciais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução a metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalho na graduação**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1996.
- SANTOS, A. Raimundo dos. **Metodologia Científica**. 4. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- SEVERINO, A. Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo: Cortez, 2016.
- ZAMBONI, Sílvio. **A pesquisa em arte: um paralelo entre a arte e a ciência**. Campinas: Autores Associados, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023: informação e documentação - referências - elaboração**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- _____. **NBR 10520: informação e documentação – citações em documentos - apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- _____. **NBR 14724: informação e documentação - trabalhos acadêmicos- apresentação**. 2.ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

8º SEMESTRE

INGLÊS INSTRUMENTAL

EMENTA: Estudos da língua inglesa por meio de leituras e reflexões críticas de textos autênticos de diferentes fontes e gêneros textuais.

PAIVA (org.). **Práticas de ensino e aprendizagem de inglês com foco na autonomia**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

MUNHOZ, Rosângela. **Inglês Instrumental**. Módulos I e II. São Paulo: Texto novo, 2002

SOUZA, Adriane. **Leitura em Língua Inglesa**: uma abordagem instrumental. São Paulo: Editora Disal, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DIAS, Reinildes. **Reading critically in english**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

GAMA, A.N.M. et al. **Introdução à Leitura em inglês**. 2ed. rev. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2001.

LITERATURA APLICADA AO ENSINO MÉDIO

EMENTA: A história da literatura. As adaptações de textos clássicos. Literatura e mídia. A literatura canônica. A literatura no ensino médio. Reflexões teóricas. Palavras e imagens. A ilustração. As listas e as leituras obrigatórias. O vestibular e o ENEM. Questões contemporâneas: o livro e a internet. Novas tecnologias e novas linguagens.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

AZEVEDO, Ricardo. **Cultura Popular, literatura e padrões culturais** 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**. V 1. Linguagens Códigos e suas Tecnologias. Brasília. MEC/SED, 2006.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. – Brasília. MEC/SEF, 1998. 174 p.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FRITZEN, Celdon. **O lugar do Cânone no Letramento Literário**. GT: alfabetização, Leitura e Escrita. 2007

GUEDES, Paulo Coimbra. **Uma nova identidade para uma nova tarefa**. In GUEDES, Paulo Coimbra. A formação do professor de Português: que língua vamos ensinar? São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

SILVA, Ezequiel Theodoro da Silva. **Formação de Leitores Literários: O Professor Leitor**. In SANTOS, Fabiano dos, NETO, José Castilho Marques e ROSING, Tânia M. K.. Mediação de Leitura: discussões de alternativas para a formação de leitores. -1ª ed. – São Paulo: Global, 2009.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o Ensino da Literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.

FUNDAMENTOS DA GRAMÁTICA PARA O ENSINO MÉDIO

EMENTA: Reflexões sobre a prática pedagógica no ensino fundamental e médio. Desenvolvimento de competência gramatical. A Gramática como um conjunto de regras naturais e impostas. Níveis gramaticais: fonológico, morfológico, sintático e semântico. Descrição e uso. Uso de recursos gramaticais e lexicais com valor argumentativo e expressivo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 – (Série Aula; 1).

BAGNO, Marcos; GAGNÉ, Gilles; STUBBS, Michael. **Língua materna, variação e ensino**. São Paulo: Parábola, 2002.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação**. São Paulo: Cortez, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ANTUNES, Irandé. **Aula de Português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003

_____. **Muito Além da Gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

FÁVERO, Leonor Lopes. PASCHOAL, Mara Sofia Zanotto de (orgs.). **Linguística Textual: texto e leitura**. São Paulo: EDUC – Editora da PUC-SP, 1985. (Série Cadernos PUC, 22).
 NICOLA, José De. **Português: ensino médio**, volume 1. São Paulo: Scipione, 2005
 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAL. Ensino Médio – Linguagem, Códigos e Suas Tecnologias.

TEXTO, DISCURSO E ENSINO

EMENTA: A inter-relação texto/discurso com a finalidade específica de aplicá-los nas estratégias metodológicas de ensino-aprendizagem para o ensino fundamental e médio; os processos constitutivos do texto e do discurso manifestados em atividades apropriadas à incorporação da rede textual e discursiva na didática da língua portuguesa.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BENTES, Anna Christina Bentes (Org.), Edwiges Maria Morato (Org.), Ingedore Villaça Koch (Org.). **Referenciação e Discurso**. São Paulo: Contexto, 2009.
 DISCINI, Norma. **Comunicação nos textos: leitura, produção, exercícios**. São Paulo: Contexto, 2005.
 ELIAS, Vanda M. (org.). **Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita, leitura**. São Paulo: Contexto, 2011.
 GUIMARÃES, Elisa. **Texto, discurso e ensino**. São Paulo: Contexto, 2009.
 ILARI, Rodolfo. **Introdução à Semântica: brincando com a gramática**. 6. ed., São Paulo: Contexto, 2006.
 ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico: brincando com as palavras**. São Paulo: Contexto, 2007.
 KOCK, Ingedore Grundfeld Villaça. **As tramas do texto**. SP: Contexto, 2014

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

DIONÍSIO, A. P. MACHADO; A. R. BEZERRA, M. A. (Org.). Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
 KOCK, Ingedore Grundfeld Villaça; ELIAS, Vanda M. **Ler e escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2009.
 _____. **Ler e compreender: os sentidos do texto**. São Paulo: Contexto, 2008.
 KOCK, Ingedore Grundfeld Villaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.
 MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Cecília P. de Souza-e-Silva, Décio Rocha. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2004.

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

EMENTA: Orientação aos acadêmicos do curso de Letras quanto ao processo de planejamento, execução e elaboração dos relatórios finais do projeto de conclusão de curso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: **Informação e documentação: elaboração: referências**. Rio de Janeiro. 2002.
 LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. de A. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1992.
 LIBANEO, J.B. **Introdução à vida intelectual**. São Paulo: Edições Loyola, 2001, 2ª ed.
 MARTINS, G.A. **Manual para elaboração de Monografias e Dissertações**. São Paulo: Editora Atlas, 2000.
 MÜLLER, M. S. **Normas e padrões para teses, dissertações e monografias**. Londrina: Editora UEL, 2002, 4ª ed.
 SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. São Paulo: Cortez, 1993. 19.ed.
 THOMAS, J.R.; NELSON, J. K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

MARTINS, Gilberto Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia da investigação científica para ciências sociais aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2007.
 SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico**. 21 ed. rev.E ampl. São Paulo: Cortez, 2000.

As Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento visam possibilitar o alargamento do repertório e do referencial teórico das práticas de ensino a partir de manifestações e oferta cultural local concreta. Assim, por meio das ATPAs pretende-se contribuir para ampliar as reflexões acadêmicas a serem apropriadas e utilizadas pelos protagonistas do processo educativo – alunos e professores – naquilo que refira aos valores culturais/estéticos e suas práticas.

Essa dinâmica pode e deve ser considerada no ensino para gerar, como propõe Paulo Freire, “Práticas Educativas Emancipadoras” (FREIRE, 1983) que permitam vislumbrar propostas de mudança social através da leitura do mundo e da inserção consciente nele.

Logo, as relações entre as manifestações culturais e as diferentes propostas de ensino deverão estar articuladas, podendo ser vistas como constitutivas de linguagens, em especial as visuais, que marcam a contemporaneidade, assim como uma formação de professores comprometida com as práticas e representações sociais das comunidades, principalmente quanto às produções que compõem a cultura visual aqui entendida a partir do que propõe Hernandez como:

[...] uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar”, ou seja, “do movimento cultural que orienta a reflexão e as práticas relacionadas a maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me às maneiras subjetivas e intersubjetivas de ver o mundo e a si mesmo. (HERNANDEZ, 2007, p.22).

Diante disso, a proposta das Licenciaturas em Educação Física, Letras, Matemática, Artes e Computação e do curso de Pedagogia da Faculdades de Dracena – Unifadra é desenvolver eventos (palestras, workshops, minicursos, congressos, mesas-redondas, etc.) com caráter semestral a partir de uma perspectiva transdisciplinar incorporando as seguintes temáticas:

- ✓ **Construção da Identidade Cultural:** A identidade cultural está relacionada com a forma como vemos o mundo exterior e como nos posicionamos em relação a ele. Esse processo é contínuo e perpétuo, o que significa que a identidade de um sujeito está sempre sujeita a mudanças. Nesse sentido, a identidade cultural preenche os espaços de mediação entre o mundo “interior” e o mundo “exterior”, entre o mundo pessoal e o mundo público. Nesse processo, ao mesmo tempo que projetamos nossas particularidades sobre o mundo exterior (ações individuais de vontade ou desejo particular), também internalizamos o mundo exterior (normas, valores, língua...). É nessa relação que construímos nossas identidades. Diante disso, entendemos como de extrema relevância a discussão acerca desses conceitos, tendo em vista a formação de futuros professores.
- ✓ **Educação Ambiental e Sustentabilidade:** É imperioso que no processo de formação dos futuros docentes, bem como no contexto escolar, se faça presente a compreensão de que aplicando uma política que promova a importância da educação ambiental voltada principalmente para a sustentabilidade já nas escolas primárias, criaremos nas novas gerações a devida mentalidade conservacionista e será muito mais fácil implementar políticas que visem à utilização sustentável dos recursos planetários no futuro. Essa prática de convencimento também se enquadra numa política de educação ambiental voltada para a sustentabilidade. Propiciar desde a formação inicial a oportunidade para a reflexão dessa temática é uma maneira de promover no futuro bem próximo a construção de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.
- ✓ **Inclusão e sociedade:** A inclusão implica mudança desse atual paradigma educacional. É inegável que os velhos paradigmas da modernidade estão sendo contestados e que o conhecimento, matéria-prima da educação está passando por mudanças. As noções de “normalidade” e de “diferenças” são o resultado de relações sociais e de produções discursivas. Elas configuram-se como criações que envolvem relações de poder que buscam classificar, assegurar e marcar posições de sujeito na sociedade dividindo o mundo entre nós e eles, entre o normal e o anormal. Assim, compreendemos que se faz importante na formação dos sujeitos a discussão acerca dos preceitos inclusivos no sentido da formação de pessoas que busquem transformar a realidade social.
- ✓ **Cidadania e direitos humanos:** Cidadania é a tomada de consciência de seus direitos, tendo como contrapartida a realização dos deveres. Isso implica no efetivo exercício dos direitos civis, políticos e socioeconômicos, bem como na participação e contribuição para o bem-estar da sociedade. A cidadania deve ser entendida como

processo contínuo, uma construção coletiva, significando a concretização dos direitos humanos. Nessa perspectiva é imperiosa a discussão acerca dessa temática a fim de que nas instituições de ensino superior formemos sujeitos capazes de atuar como cidadãos respeitando os princípios de direitos humanos.

- ✓ **Diversidade de gênero:** pesquisas qualitativas sinalizam a recorrência com que a exclusão escolar aparece nas trajetórias de vidas das pessoas LGBT e são sempre associadas ao ódio e à violência perpetrados contra essa população, dentro do ambiente escolar. O que as investigações acima citadas fazem em comum é identificar as discriminações de gênero como causas para processos de exclusão escolar. A Defensoria Pública é um órgão que recebe inúmeras denúncias de discriminações nas escolas, sendo as principais delas: a recusa de utilização do nome social, o desrespeito à identidade de gênero de travestis e transexuais, a prática reiterada de insultos contra pessoas integrantes da população LGBT e agressões físicas ou ameaças contra mulheres. Nesse sentido, torna-se relevante a discussão acerca da temática na formação dos futuros professores.
- ✓ **Diversidade etnicorracial:** visa levar aos alunos compreender se ter consciência da importância e influência da cultura africana na sociedade atual, visando à contribuição na construção de sua personalidade, seja como afrodescendente ou não, além de inculcar o respeito à diversidade nas características físicas e culturais. Conhecer a raiz da história africana e os termos comuns a este aprendizado é essencial para que o educador conduza de forma eficiente e eficaz o assunto, além da quebra de pré-conceitos, inerentes à conduta do ser humano. É dever das instituições formadoras desenvolver propostas pedagógicas que permeiem essa discussão.
- ✓ **Violência: criança, adolescente e a escola:** O Estatuto da Criança e do Adolescente especifica que toda criança deverá estar protegida de ações que possam prejudicar seu desenvolvimento. No entanto, a realidade de transgressão a esse direito atinge uma parcela significativa de crianças, que têm seu cotidiano permeado por variadas formas de violência. Torna-se de extrema importância discutir na formação de professores os aspectos que envolvem a violência sofrida por crianças e jovens, pois eles influenciam o processo de desenvolvimento da aprendizagem delas na escola
- ✓ **Encontro Científico da Alta Paulista:** Pesquisas indicam que a participação dos estudantes em eventos científicos podem auxiliar no desenvolvimento da formação acadêmica. É uma oportunidade de discutir sobre questões de ordem social à luz da teoria científica. Além disso, compreendemos que os eventos científicos criam a possibilidade de interação entre os estudantes e os profissionais da área e favorecem o acesso a novas informações.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. A. L. **Os Direitos Humanos na Pós-Modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 2005
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Coleção Educação e mudança vol.1.9ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983
- GUERRA, V.N. A. Violência física doméstica contra crianças e adolescentes e a imprensa: do silêncio à comunicação [tese doutorado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 1996
- HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HERNÁNDEZ, F. **Catadores da Cultura Visual: transformando fragmentos em nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- LEFF, Enrique. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- PARKER, R. G; BARBOSA, R. M(Orgs.) **Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- SASSAKI, R. K. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos**. Rio de Janeiro: WVA, 1997.

Projeto Disciplinas EAD Implantação/implementação de disciplinas na Modalidade EAD

Contextualização e Justificativa

O Ensino Superior tem passado por inúmeros desafios que decorrem da contemporaneidade. Tais desafios se relacionam às inúmeras atividades que as pessoas exercem, conciliando trabalho, estudo, vida familiar, fazendo com que o acesso aos estudos exija algumas flexibilidades. Em contrapartida cada vez mais há o entendimento de que o Ensino Superior traz benefícios e progresso para a sociedade como um todo, por isso seu acesso tem sido cada vez mais buscado e valorizado.

Assim, as Instituições de Ensino Superior podem flexibilizar seus processos de ensino, oportunizar experiências de uso das diferentes Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, além de preparar seus estudantes para o mercado de trabalho, que na maioria das situações faz uso de recursos tecnológicos e de ambientes virtuais para propostas de formação continuada.

O uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação podem ampliar as possibilidades de construção de conhecimentos aos diferentes conteúdos e áreas do saber, em diferentes espaços e tempos conforme os ditames da sociedade da informação e do conhecimento.

Isto posto, a Faculdades de Dracena considerou que a implantação de disciplinas na modalidade a distância atenderia a necessidade de seu público local, em sua maioria jovens que exercem suas atividades laborativas e residem em cidades vizinhas, alguns vindo inclusive do Estado do Mato Grosso do Sul. Este público, procura nos cursos de graduação oferecidos no período noturno uma oportunidade de estudo, desenvolvimento pessoal, intelectual e crescimento profissional futuro conciliando com trabalho e vida familiar.

Diante disso, a direção acadêmica da Faculdades de Dracena optou por fazer uso da modalidade a distância tendo como respaldo legal o artigo 81 da LDB, a Portaria 4059/2004 e a Deliberação do Conselho Estadual de Educação - CEE 130, de 10-12-2014.

Com essa opção de finalização das atividades acadêmicas presenciais com uma hora diária de antecedência, compreende-se que os estudantes podem ter um tempo maior para sua interação com a família e descanso, bem como a colaboração na recuperação física e mental, proporcionando maior produtividade e disposição no dia seguinte. Proporcionando assim flexibilização e democratização do ensino superior.

Em particular, no curso de Licenciatura em Matemática, a escolha das disciplinas que contemplam a carga horária EaD justifica-se por dialogarem entre as demais disciplinas vigentes na matriz curricular em forma presencial.

Para tanto, os docentes foram preparados para atuar nessa modalidade de ensino de maneira que pudessem elaborar materiais didáticos com qualidade e, posteriormente desempenhar a tutoria também com qualidade e alicerçada nos parâmetros necessários.

A formação dos docentes da Faculdades de Dracena para atuação na modalidade a distância se deu pela preocupação em cumprir o que a Portaria MEC nº 1.134, publicada no DOU em 11/10/16 estabelece sobre a exigência de “profissionais da educação com formação na área do curso e qualificados em nível compatível ao previsto no projeto pedagógico” (BRASIL, 2016).

Salientando que, as disciplinas foram elaboradas por docentes com formação específica em cada área temática, que já tinham, inclusive, experiência com a oferta da disciplina na modalidade presencial na Instituição.

Formação Docente, Produção de Materiais e Tutoria

No intuito de seguir os parâmetros de qualidade da educação a distância, um curso de formação docente foi ofertado a todos os docentes da Faculdades de Dracena que tivessem interesse em conhecer mais sobre a modalidade.

É importante ressaltar que para aqueles docentes que elaborariam materiais para as disciplinas selecionadas para a modalidade a distância e que fariam a tutoria a formação foi obrigatória. Uma vez que houve a preocupação de que o docente convidado para elaborar a disciplina tivesse titulação condizente para a docência no Ensino Superior na área específica de cada uma das disciplinas que foram para a modalidade a distância e já fosse docente da instituição com experiência na docência da disciplina quando em caráter presencial.

O curso de formação docente foi idealizado e desenvolvido por docentes de outras Instituições de Ensino Superior que têm experiência com a modalidade de ensino a distância em formação inicial e continuada. Além disso, a coordenação de tutoria e a direção acadêmica da Faculdades de Dracena esteve envolvida com a idealização do curso para que este tivesse as características almejadas pela instituição. O curso teve 60 horas de carga horária e organizado em 05 módulos.

Durante o período do curso, dois encontros presenciais ocorreram para que as discussões sobre essa nova modalidade de ensino na Faculdades de Dracena pudesse ser discutida e melhor compreendida por todos os envolvidos. Além disso, foi um momento de primeiro contato com o Ambiente Virtual de Aprendizagem *Moodle*.

É importante salientar que a adoção da modalidade a distância na Instituição esteve desde a implantação até a implementação, bem como a produção dos materiais para as disciplinas pautadas no entendimento de que o processo de ensino e aprendizagem deve ser centrado na autoaprendizagem e com a mediação de recursos didáticos organizados em

diferentes suportes de informação que utilizem tecnologia remota. E de maneira que coloque o estudante como protagonista de seu próprio processo de aquisição de conhecimentos, o que feito com seriedade e responsabilidade, pode favorecer a formação de profissionais mais autônomos e críticos.

Além do ambiente virtual das disciplinas, todos os docentes que exercem tutoria *online*, os coordenadores de curso e a direção acadêmica podem se comunicar por um ambiente denominado “Sala Coordenação de Tutoria” em que orientações e discussões são realizadas entre os docentes tutores, coordenação de curso, direção acadêmica e coordenação de tutoria. Este ambiente é utilizado para troca de conhecimentos e informações de cunho pedagógico e tecnológico.

A seguir contém informações sobre a estrutura das disciplinas EaD da Faculdades de Dracena.

Proposta Metodológica e Estrutura das Disciplinas EAD das Faculdades de Dracena

Conforme já apresentado, o **Ambiente Virtual de Aprendizagem** adotado pela Unifadra foi o **Moodle**. O *Moodle* é um ambiente que reúne recursos e ferramentas tecnológicas que viabilizam a elaboração e a disposição de materiais didáticos, bem como o acompanhamento de situações de ensino, construção de aprendizagem ativa, colaborativa e significativa.

No *Moodle* podem ser inseridos diversos recursos e materiais, tais como: materiais de apoio em formatos de textos, editor de apresentação, imagens, vídeos, músicas, gráficos, tabelas, manuais, documentos legais, entre outros.

As ferramentas utilizadas no *Moodle* foram: Tarefa (para envio de arquivos em diferentes formatos), Fórum de discussão (proporcionando discussão, troca de conhecimentos e até mesmo materiais de forma assíncrona), Questionário, *Wiki* (possibilita a construção coletiva de produtos de forma síncrona ou assíncrona) e Chat (para esclarecimento de dúvidas de forma síncrona).

A elaboração dos materiais das disciplinas na modalidade a distância, especificamente dos materiais de apoio que são disponibilizados aos estudantes (em formato de apresentação ou texto, elaborados pelo docente que foi autor da disciplina) promovem a interação social para a aprendizagem, de maneira que esta deixe de ocorrer apenas de forma individual.

O estudante passa a fazer parte de um grupo social, no qual é instigado a questionar, descobrir e compreender o mundo a partir de interações com seus pares e docente tutor. Assim, estudos autodirigidos e discussões por meio de fóruns, chats e demais recursos específicos contribuem para o processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico e inovador.

As disciplinas foram elaboradas de maneira que os conteúdos programáticos têm uma sequência lógica e didática. Os estudantes têm acesso no início da disciplina a um cronograma em que há as datas de início, término e informações acerca dos materiais de leitura e atividades avaliativas, com o objetivo de ajudá-los na organização de seus estudos e na construção de sua autonomia.

Embora haja flexibilidade de tempo e horário para a realização das atividades propostas nas disciplinas a distância, todas as atividades têm prazos de entrega que deverão ser respeitados pelos estudantes.

Neste cronograma há a indicação dos materiais para leitura e onde podem ser encontrados, se na biblioteca física da Faculdades de Dracena, se em alguma das Bibliotecas Virtuais ou se em repositórios educacionais de artigos científicos.

É importante ressaltar que só são utilizados materiais bibliográficos que a instituição possui licença, seja pela compra de livros que estão na biblioteca física ou nas bibliotecas virtuais.

Todas as atividades propostas são para cômputo da frequência e algumas são avaliativas para composição das médias dos dois bimestres. A forma de composição de média acontece nas disciplinas a distância igualmente como ocorre nas disciplinas presenciais.

Em todas as atividades propostas os estudantes recebem uma contextualização sobre o conteúdo programático no qual a atividade se insere, qual é o objetivo desta e as informações sobre quais materiais devem ser consultados para a realização da atividade. A solicitação de leitura a livros didáticos e artigos científicos é feita em todas as atividades, bem como um material de apoio é ofertado em cada conteúdo programático aos estudantes. Nesse material de apoio que pode ser no formato de apresentação com acréscimo de imagens e sugestões de vídeos complementares, o docente autor, traz a explanação acerca do conteúdo programático no intuito de reforçar os conceitos principais e sanar eventuais dúvidas.

Além disso, momentos presenciais são oportunizados aos estudantes de maneira que possam ter mais uma forma de interação com o docente tutor. Estes encontros acontecem aos sábados. A cada bimestre ocorrem dois encontros denominados de “Plantão Presencial” que são agendados próximo às avaliações bimestrais. Os estudantes têm

acesso às datas estabelecidas para os plantões no início da disciplina, quando uma aula inaugural acontece com a coordenação da EaD, de curso e com o docente tutor. Ademais, as datas dos plantões estão inseridas no cronograma de maneira que os estudantes possam se organizar com antecedência para a participação.

Antes da realização da prova do segundo bimestre, os estudantes têm uma aula presencial para que possa fazer uma espécie de revisão dos conteúdos abordados no decorrer da disciplina além do plantão presencial que ocorre no sábado que antecede a avaliação.

Da Avaliação

Em relação a avaliação, esta ocorre em duas partes, por meio de atividades avaliativas *online*, no ambiente virtual *Moodle* e as avaliações presenciais.

No primeiro bimestre 50% da média é composta pela realização das atividades avaliativas *online* e 50% por meio de uma avaliação *online* por meio da ferramenta Questionário e durante a semana de provas prevista no calendário acadêmico.

No segundo bimestre, 30% da média é composta pela realização das atividades avaliativas *online* e 70% por meio de uma avaliação presencial denominada pela Unifadra de Avaliação Integrada seguindo o que determina o art. 1º, § 2º da Portaria MEC nº 1.134. Nesta Avaliação Integrada os conteúdos avaliados correspondem aos dois bimestres.

As avaliações substitutivas e de exame que são direcionadas aos estudantes que não atingiram a média para aprovação acontecem em caráter presencial e de acordo com o calendário acadêmico da Instituição.

Implantação de disciplinas na modalidade EaD – Faculdades de Dracena

I – Contextualização e Justificativa:

O Ensino Superior tem passado por inúmeros desafios que decorrem da contemporaneidade. Tais desafios se relacionam às inúmeras atividades que as pessoas exercem, conciliando trabalho, estudo, vida familiar, fazendo com que o acesso aos estudos exija algumas flexibilidades.

Em contrapartida, cada vez mais há o entendimento de que o Ensino Superior traz benefícios e progresso para a sociedade como um todo, por isso seu acesso tem sido cada vez mais buscado e valorizado.

Diante disso, o atual Plano Nacional da Educação (PNE), que tem vigência de 2014 a 2024, traz algumas metas para o Ensino Superior, que objetivam aumentar as matrículas e elevar sua qualidade, como pode ser observado a seguir:

Meta 12: Elevar a taxa bruta de matrícula na educação superior para 50% e a taxa líquida para 33% da população de 18 a 24 anos, assegurada a qualidade da oferta e expansão para, pelo menos, 40% das novas matrículas, no seguimento público (BRASIL, 2014, p.73).

Verifica-se então a preocupação com a oferta e com a qualidade da educação ofertada no Ensino Superior em esfera nacional em nosso país, em um plano de ação governamental, o que pode ser encarado como positivo.

Nesse íterim, com o objetivo de tornar o Ensino Superior mais atualizado, flexível e condizente com as necessidades da sociedade vigente, o Ministério da Educação, embasado no artigo 81 da LDB, baixou a Portaria 4059/2004 que admite até 20% da carga horária em modalidade semipresencial.

Assim, as Instituições de Ensino Superior podem flexibilizar seus processos de ensino, oportunizar experiências de uso das diferentes Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, além de preparar seus estudantes para o mercado de trabalho, que na maioria das situações faz uso de recursos tecnológicos e de ambientes virtuais para propostas de formação continuada.

O uso das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação pode ampliar as possibilidades de construção de conhecimentos aos diferentes conteúdos e áreas do saber, em diferentes espaços e tempos conforme os ditames da sociedade da informação e do conhecimento.

Isto posto, a Faculdades de Dracena considerou que a implantação de disciplinas na modalidade a distância atenderia a necessidade de seu público local, em sua maioria jovens que exercem suas atividades laborativas e residem em cidades vizinhas, alguns vindo inclusive do Estado do Mato Grosso do Sul. Este público procura nos cursos de graduação oferecidos no período noturno uma oportunidade de estudo, desenvolvimento pessoal, intelectual e crescimento profissional, conciliando com trabalho e vida familiar. Assim, verificou-se a necessidade de finalizar as atividades acadêmicas mais cedo, tendo em vista a redução significativa do número de estudantes que permaneciam após as 22h em sala de aula, aliada à baixa produtividade das atividades propostas neste período e ainda problemas enfrentados com os transportes escolares.

Diante disso, a direção acadêmica da Faculdades de Dracena optou por fazer uso da modalidade a distância, tendo como respaldo legal o artigo 81 da LDB, a Portaria 4059/2004 e a Deliberação do Conselho Estadual de Educação - CEE 130, de 10/12/2014.

Com essa opção de finalização das atividades acadêmicas presenciais com uma hora diária de antecedência, compreende-se que os estudantes podem ter um tempo maior para sua interação com a família e descanso, bem como a colaboração na sua recuperação física e mental, proporcionando maior produtividade e disposição no dia seguinte, proporcionando assim a flexibilização e a democratização do ensino superior.

Por isso, 20% da carga horária de todos os cursos de graduação da Faculdades de Dracena a partir do primeiro semestre do ano de 2017 passaram a ser ofertados na modalidade a distância.

O princípio geral adotado nas escolhas das disciplinas da matriz do curso de Letras foi pelo cuidado em não inserir disciplinas cujo conteúdo não integra o conteúdo de outras disciplinas ofertadas no decorrer dos demais semestres do curso. Assim, conforme quadro abaixo, apresentamos as disciplinas propostas para desenvolvimento na modalidade EaD e suas interações com as disciplinas presenciais:

1º Semestre		
DISCIPLINA EaD	C/H	PROF. TUTOR
Filosofia da Educação	40	Prof. Dr. Nivaldo Correia
2º Semestre		
DISCIPLINA EaD	C/H	
História da Educação Brasileira e Relações Etnicorraciais	40	Prof. Me. Adamo Alberto de Souza
Psicologia da Aprendizagem	60	Profa. Ma. Andréa Frizzo
3º Semestre		
DISCIPLINA EaD	C/H	
Introdução à Metodologia de Ensino em Linguagens	40	Profa. Ma. Lizandra do Nascimento Martins
Estudo do Texto Argumentativo	60	Profa. Ma. Sirlei da Conceição Souza
4º Semestre		
DISCIPLINA EaD	C/H	
Literatura Infantil e Juvenil Brasileira	40	Profa. Ma. Lizandra do Nascimento Martins
Linguística Aplicada ao Ensino da Língua	60	Prof. Me. Fernando e Oliveira Lopes

Materna		
5º Semestre		
DISCIPLINA EaD	C/H	
Interpretação e Produção Textual	60	Profa. Ma. Sirlei da Conceição Souza
Avaliação: Instrumentos e Indicadores	40	Profa. Ma. Vanessa Ribeiro Andreto
6º semestre		
DISCIPLINA EaD	C/H	
Sintaxe: Estudo da Linguagem	40	Profa. Ma. Lizandra do Nascimento Martins
Diretrizes Curriculares: Fundamentos e Práticas	60	Profa. Ma. Vanessa Ribeiro Andreto
7º semestre		
Compreensão e Produção Oral: Língua Inglesa	60	Profa. Ma. Sirlei da Conceição Souza
NÃO HÁ DISCIPLINAS EM EAD		
8º semestre		
DISCIPLINA EaD	C/H	
Fundamentos da Gramática para o Ensino Médio	40	Profa. Ma. Sirlei da Conceição Souza

Para tanto, os docentes foram preparados para atuar nessa modalidade de ensino de maneira que pudessem elaborar materiais didáticos com qualidade e, posteriormente, desempenhar a tutoria também com qualidade, alicerçada nos parâmetros necessários.

A formação dos docentes da Faculdades de Dracena para atuação na modalidade a distância se deu pela preocupação em cumprir o que a Portaria MEC nº 1.134, publicada no DOU em 11/10/16, estabelece sobre a exigência de “profissionais da educação com formação na área do curso e qualificados em nível compatível ao previsto no projeto pedagógico” (BRASIL, 2016).

Salientamos que as disciplinas foram elaboradas por docentes com formação específica em cada área temática, que já tinham, inclusive, experiência com sua oferta na modalidade presencial na Faculdades de Dracena.

No próximo item, será apresentado o processo de formação docente da Faculdades de Dracena para atuar na modalidade a distância, caracterizando ensino semipresencial, uma vez que algumas atividades, inclusive de avaliação, ocorrem de forma presencial nas dependências da Instituição e serão apresentadas do decorrer deste documento.

II - Formação Docente para atuar na modalidade semipresencial – produção de materiais e tutoria:

No intuito de seguir os parâmetros de qualidade da educação a distância, um curso de formação docente foi ofertado a todos os docentes da Faculdades de Dracena que tivessem interesse em conhecer mais sobre a modalidade.

É importante ressaltar que, para aqueles docentes que elaborariam materiais para as disciplinas selecionadas para a modalidade a distância e que fariam a tutoria, a formação foi obrigatória. Houve a preocupação de que o docente convidado para elaborar a disciplina tivesse titulação condizente para a docência no Ensino Superior na área específica de cada uma das disciplinas que foram para a modalidade a distância e já fosse docente da instituição com experiência na docência da disciplina em caráter presencial.

O curso de formação docente foi idealizado e desenvolvido por docentes de outras Instituições de Ensino Superior que têm experiência com a modalidade de ensino a distância em formação inicial e continuada. Além disso, a coordenação de tutoria e a direção acadêmica da Faculdades de Dracena estiveram envolvidas na idealização do curso, para que este tivesse as características almejadas pela instituição.

O curso teve 60 horas de carga horária e foi organizado em 05 módulos, conforme pode ser visualizado no quadro a seguir.

Módulo	Temas estudados	Carga horária
Introdução aos Estudos na Modalidade a Distância	- A postura do estudante on-line; - Organizando o tempo de estudo; - Ambiente Virtual de Aprendizagem.	05 horas
Concepção e Políticas de EaD	- Concepção de EaD; - Objetivos e características da Educação a Distância - Políticas de EaD no país; - Diferenças e vantagens da educação tradicional e a distância.	15 horas
Planejamento e Gestão de EAD e Produção de Materiais	- Projeto do sistema de EaD; - Estrutura e fundamentos do sistema de EaD; - Atores envolvidos no processo (professor especialista e professor-tutor); - Produção de materiais.	15 horas
Avaliação do Conteúdo Teórico	- Formas de avaliar; - Os tipos de avaliação.	10 horas
Prática de Tutoria em EaD	- Conceito de tutoria; - Funções do tutor; - Tipos de tutores; - Papel do tutor.	15 horas

Durante o período do curso, dois encontros presenciais ocorreram para que essa nova modalidade de ensino na Faculdades de Dracena pudesse ser discutida e melhor compreendida por todos os envolvidos. Além disso, foi um momento de primeiro contato com o Ambiente Virtual de Aprendizagem *Moodle*¹.

¹O ambiente *Moodle* pode ser acessado no endereço eletrônico www.ead.Faculdades de Dracena.fundec.edu.br (para entrar nos ambientes das disciplinas, favor nos solicitar uma senha, que será disponibilizada imediatamente).

É importante salientar que a adoção da modalidade a distância na Faculdades de Dracena esteve, desde sua implantação até a produção dos materiais para as disciplinas, pautada no entendimento de que o processo de ensino e aprendizagem deve ser centrado na autoaprendizagem e com a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologia remota. E, ainda, de maneira que coloque o estudante como protagonista de seu próprio processo de aquisição de conhecimentos, o que, se feito com seriedade e responsabilidade, pode favorecer a formação de profissionais mais autônomos e críticos.

Além do ambiente virtual das disciplinas, todos os docentes que exercem tutoria on-line, os coordenadores de curso e a direção acadêmica podem se comunicar por um ambiente denominado “Sala Coordenação de Tutoria”, em que orientações e discussões são realizadas entre os docentes tutores, coordenação de curso, direção acadêmica e coordenação de tutoria. Este ambiente é utilizado para troca de conhecimentos e informações de cunho pedagógico e tecnológico.

Os docentes que elaboraram as disciplinas na modalidade a distância (proposta de atividades e materiais de apoio) foram pagos de acordo com a carga horária da disciplina. Faz-se necessário mencionar também que a atribuição das aulas, quantidade em horas e valor a receber pela tutoria não diferem das disciplinas presenciais da Faculdades de Dracena.

Seguem informações sobre a estrutura das disciplinas EaD da Faculdades de Dracena.

III – Proposta Metodológica e Estrutura das Disciplinas EaD da Faculdades de Dracena:

Conforme já apresentado, o Ambiente Virtual de Aprendizagem adotado pela Faculdades de Dracena foi o Moodle. O Moodle é um ambiente que reúne recursos e ferramentas tecnológicas que viabilizam a elaboração e a disponibilização de materiais didáticos, bem como o acompanhamento de situações de ensino, construção de aprendizagem ativa, colaborativa e significativa.

No Moodle, podem ser inseridos diversos recursos e materiais, tais como: materiais de apoio em formatos de textos, editor de apresentação, imagens, vídeos, músicas, gráficos, tabelas, manuais, documentos legais, entre outros.

As ferramentas utilizadas no Moodle foram: Tarefa (para envio de arquivos em diferentes formatos), Fórum de Discussão (proporcionando discussão, troca de conhecimentos e até mesmo materiais de forma assíncrona), Questionário, *Wiki* (possibilita a construção coletiva de produtos de forma síncrona ou assíncrona) e Chat (para esclarecimento de dúvidas de forma síncrona).

Assim, é possível proporcionar um ambiente interativo e colaborativo de aprendizagem, que auxilie o estudante no desenvolvimento dos estudos, o docente em suas atividades de ensino e até mesmo os coordenadores de curso e diretores acadêmicos na gestão de suas funções pedagógicas e administrativas, uma vez que todos têm acesso aos ambientes das disciplinas.

Os estudantes e docentes que exercem a tutoria on-line possuem acesso ao ambiente virtual das disciplinas em qualquer lugar, tempo, computador, notebook e até mesmo smartphone.

A elaboração dos materiais das disciplinas na modalidade a distância, especificamente dos materiais de apoio que são disponibilizados aos estudantes (em formato de apresentação ou texto, pelo docente que foi autor da disciplina), promovem a interação social para a aprendizagem, de maneira que esta deixe de ocorrer apenas de forma individual.

O estudante passa a fazer parte de um grupo social, no qual é instigado a questionar, descobrir e compreender o mundo a partir de interações com seus pares e docente tutor. Assim, estudos autodirigidos e discussões por meio de fóruns, chats e demais recursos específicos contribuem para um processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico e inovador.

As disciplinas foram elaboradas de maneira que os conteúdos programáticos tivessem uma sequência lógica e didática. Os estudantes têm acesso, no início da disciplina, a um cronograma com as datas de início, término e informações acerca dos materiais de leitura e atividades avaliativas, com o objetivo de ajudá-los na organização de seus estudos e na construção de sua autonomia.

Embora haja flexibilidade de tempo e horário para a realização das atividades propostas nas disciplinas a distância, todas as atividades têm prazos de entrega que deverão ser respeitados pelos estudantes.

Nesse cronograma, há a indicação dos materiais para leitura e onde podem ser encontrados, se na biblioteca física da Faculdades de Dracena, se em alguma das Bibliotecas Virtuais ou se em repositórios educacionais de artigos científicos.

É importante ressaltar que só são indicados os materiais bibliográficos dos quais a instituição possui licença, seja pela compra de livros que estão na biblioteca física ou nas bibliotecas virtuais.

Todas as atividades propostas são para cômputo da frequência e algumas são avaliativas para composição das médias dos dois bimestres. A forma de composição de média nas disciplinas a distância é a mesma das disciplinas presenciais.

Em todas as atividades propostas, os estudantes recebem uma contextualização sobre o conteúdo programático no qual a atividade se insere, qual é o objetivo desta e as informações sobre quais materiais devem ser consultados para a realização da atividade. A solicitação de leitura de livros didáticos e artigos científicos é feita em todas as atividades, bem como um material de apoio é ofertado em cada conteúdo programático aos estudantes. Nesse material de apoio, que pode ser no formato de apresentação com acréscimo de imagens e sugestões de vídeos complementares, o docente autor traz a explanação acerca do conteúdo programático no intuito de reforçar os conceitos principais e sanar eventuais dúvidas.

Caso as dúvidas persistam, no decorrer da realização das atividades, os estudantes podem entrar em contato com o docente tutor por meio de um canal rápido no próprio ambiente da disciplina denominado de “Fórum de Dúvidas”. Se houver necessidade, o docente tutor e o estudante podem marcar um dia e horário para que conversem por meio da ferramenta *Chat*.

Além disso, momentos presenciais são oportunizados aos estudantes de maneira que possam ter mais uma forma de interação com o docente tutor. Estes encontros ocorrem aos sábados. A cada bimestre, ocorrem dois encontros denominados de “Plantão Presencial”, que são agendados próximos às avaliações bimestrais. Os estudantes têm acesso às datas estabelecidas para os plantões no início da disciplina, quando uma aula inaugural é feita com a coordenação da EaD, de curso e com o docente tutor. Ademais, as datas dos plantões estão inseridas no cronograma de maneira que os estudantes possam se organizar com antecedência para participar.

Antes da realização da prova do segundo bimestre, os estudantes têm uma aula presencial para que possam fazer uma espécie de revisão dos conteúdos abordados no decorrer da disciplina, além do plantão presencial que ocorre no sábado que antecede a avaliação.

Em relação à correção das atividades propostas, é importante mencionar que o docente tutor é orientado a se organizar semanalmente de maneira que se dedique à correção das atividades e interação com os estudantes de maneira condizente com a carga horária semanal de cada disciplina. Assim, o estudante, ao realizar sua atividade, recebe a correção com feedback formativo e atribuição da nota, quando for o caso, no prazo máximo de uma semana após a realização.

Entretanto, há ainda a orientação de que o docente tutor acesse o ambiente virtual da disciplina o máximo de vezes que conseguir durante a semana, se possível todos os dias, para que possa responder com a maior agilidade possível as eventuais dúvidas que possam surgir.

As dúvidas de cunho tecnológico podem ser sanadas com um profissional da área tecnológica que fica nas dependências da instituição à disposição dos estudantes e docentes todos os dias. Este apoio pode ser então presencial ou remoto (por e-mail, chat e telefone).

Em relação à avaliação, esta ocorre em duas partes, por meio de atividades avaliativas on-line, no ambiente virtual Moodle, e as avaliações presenciais.

No primeiro bimestre, 50% da média são compostos pela realização das atividades avaliativas on-line e 50% por uma avaliação on-line por meio da ferramenta Questionário e durante a semana de provas, prevista no calendário acadêmico.

No segundo bimestre, 30% da média são compostos pela realização das atividades avaliativas on-line e 70% por meio de uma avaliação presencial denominada pela Faculdades de Dracena de Avaliação Integrada, seguindo o que determina o art. 1º, § 2º da Portaria MEC nº 1.134. Nesta Avaliação Integrada, os conteúdos avaliados correspondem aos dois bimestres.

As avaliações substitutivas e de exame que são direcionadas aos estudantes que não atingiram a média para aprovação ocorrem de forma presencial e de acordo com o calendário acadêmico da Faculdades de Dracena.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. LDB 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm> Acesso em Dez, 2016.

BRASIL. Plano Nacional de Educação (PNE). *Plano Nacional de Educação 2014-2024* [recurso eletrônico]: Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014, que aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2014. 86 p. – (Série legislação; n. 125). Disponível em: <<http://www.observatoriodopne.org.br/uploads/reference/file/439/documento-referencia.pdf>> Acesso em Set, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. *Portaria MEC nº 1.134*, publicada no DOU em 11/10/16. Disponível em: <http://www.uel.br/prograd/docentes/documentos/pp/portaria_mec_1134_16.pdf> Acesso em Dez, 2016.